

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
BACHARELADO EM MODA

Patrícia Nayara Nascimento Sad

A CHITA E A MODA BRASILEIRA NA CONTEMPORANEIDADE

Juiz de Fora

2018

PATRÍCIA NAYARA NASCIMENTO SAD

A CHITA E A MODA BRASILEIRA NA CONTEMPORANEIDADE

Projeto de Conclusão para Graduação a ser submetida à Comissão Examinadora do Curso Bacharelado em Moda, no Instituto de Artes e Design, na Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Moda.

Prof. Orientador (a): Maria Claudia Bonadio

Juiz de Fora

2018

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Sad, Patrícia Nayara Nascimento.

A Chita e a Moda Brasileira na Contemporaneidade / Patrícia Nayara Nascimento Sad. -- 2018.

84 f. : il.

Orientadora: Maria Claudia Bonadio

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design, 2018.

1. Chita. 2. Moda contemporânea. 3. Moda brasileira. I. Bonadio, Maria Claudia, orient. II. Título.

PATRÍCIA NAYARA NASCIMENTO SAD

A CHITA E A MODA BRASILEIRA NA CONTEMPORANEIDADE

Projeto de Conclusão para Graduação a ser submetida à Comissão Examinadora do Curso Bacharelado em Moda, no Instituto de Artes e Design, na Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Moda.

Prof. Orientador (a): Maria Claudia Bonadio

Banca examinadora:

Professora Doutora Maria Claudia

Professora Doutora Elisabeth Murilo da Silva

Professora Doutora Luz Garcia Neira

Examinado em: 7/12/2018

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus pela força e luz para que eu pudesse superar a cada desafio vivenciado e conseguisse chegar até aqui.

Agradeço aos meus pais pelo amor e apoio no decorrer desses anos, a minha mãe que através do seu gosto pela moda despertou em mim o interesse em estudar a área e também pelo suporte e incentivo para reingressar em uma nova graduação e fazer o que gosto.

Ao meu amado pai, pelo apoio desde o financeiro até o emocional. Com o senhor aprendi que a educação transforma as pessoas. Sou grata por ter me ensinado desde criança a importância da leitura, por ter me levado em ambientes culturais desde muito nova, por ter livros em casa tudo isso foi de grande importância para que eu chegasse até aqui.

As minhas irmãs Babi e Bi, por também me incentivarem a fazer uma nova graduação, por me ajudarem sempre em minha vida, ao meu irmão João pelo carinho.

A minha querida tia Lena, por desde criança me ensinar a costurar roupas de bonecas, a incentivar o meu gosto pela moda e arte.

A minha querida amiga Nanni, por sempre ter me falado que eu devia estudar moda e acreditar sempre no meu potencial, sou muito grata. A minha amiga de graduação Aline por termos trocado diversas experiências e ajudas no decorrer do curso.

Agradeço a Universidade Federal de Juiz de Fora por ter me proporcionado um ensino de qualidade e por todas as oportunidades que consegui no meio acadêmico, a professora Mônica Queiroz ex-coordenadora do Bacharelado em Moda por ter aceito o meu pedido de reingresso.

Ao Instituto de Artes e Design da UFJF, aos anos de aprendizados, a Arte me transformou. A poetisa Adélia Prado, tem uma frase que diz o seguinte: “De vez em quando Deus vem e me tira a poesia. Olho pedra e vejo pedra mesmo.” Depois que estudei arte eu dificilmente vejo só pedra, hoje enxergo além. Assim como o poeta Murilo Mendes, o meu olhar se tornou “armado”.

Aos meus professores desde o Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design, até os do Bacharelado em Moda. Obrigada pelos ensinamentos.

A professora Maria Claudia Bonadio pelas excelentes aulas ministradas durante o curso e também pela orientação no decorrer dessa pesquisa. Durante esses meses estive sempre disponível e me apontando o melhor caminho. Aprendi muito com ela.

À professora Elisabeth Murilo e Luz Garcia por aceitarem o convite em participar da minha banca.

Ao MAMM (Museu de Arte Murilo Mendes), no qual tive a oportunidade de ser bolsista no Treinamento Profissional em Arte-Educação em Museu, esses dois anos foram de grande importância para meu aprendizado como profissional.

Ao meu querido amigo Paulo Alvarez, curador do MAMM e artista, que também tem um grande carinho pelo tecido chita, obrigada pelos aprendizados e o empréstimo de material.

Enfim, obrigada a todos que fizeram parte dessa jornada!

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo principal analisar como o tecido da chita é utilizado na moda brasileira contemporânea. Para tal análise foi preciso estudar a história da chita até a sua chegada ao Brasil, em seguida analisar a moda brasileira e o uso do tecido da chita no país. Foi feito um estudo de coleções recentes de estilistas e marcas que fizeram ou ainda fazem peças com o tecido da chita ou inspiração na estampa do mesmo. As marcas escolhidas são: Farm, Lódice e Saia de chita. Os estilistas foram: Lenny Niemayer e João Pimenta. Através dessa pesquisa é possível identificar como o tecido da chita, muitas vezes desvalorizado por sua associação às manifestações de culturas populares brasileiras é muitas vezes reinterpretado, servindo mais como inspiração, do que material para a produção de peças, quando de sua inserção na moda brasileira.

Palavras-chave: Chita, moda contemporânea, moda brasileira

ABSTRAT

The present research has as main objective to analyze how the fabric of the chita is used in contemporary Brazilian fashion. For this analysis it was necessary to study the history of the chita until its arrival in Brazil, then to analyze the Brazilian fashion and the use of the fabric of the chita in the country. A study has been made of recent collections of stylists and brands who have made or even made pieces with chita fabric or inspiration in the print of it. The brands chosen are: Farm, Lódice and Chita skirt. The stylists were: Lenny Niemayer and João Pimenta. Through this research it is possible to identify how chita fabric, often devalued by its association with the manifestations of popular Brazilian cultures, is often reinterpreted, serving more as inspiration than material for the production of pieces, when its insertion into Brazilian fashion.

Keywords: Chita, contemporary fashion, Brazilian fashion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Anúncio Cedro Têxtil.....	18
Figura 2.Vestidos de Chita, criados por Zuzu Ange.....	26
Figura 3. Grupo Corpo 21	28
Figura 4. Exposição Chita na Moda	29
Figura 5. Chita na moda, criação Rita de Goye	30
Figura 6. Bolsas de Chita, Criação Sônia Kiss.....	31
Figura 7. Alegoria, criação Cid Carvalho	33
Figura 8. Vestido e casaco, criação João Pimenta	35
Figura 9. Casaco, blusa e calça, criação João Pimenta	36
Figura 10. Vestido xadrez e floral, João Pimenta.....	37
Figura 11.Vestido verde, Lódice	40
Figura 12. Estampa de chita com flores rosa.....	41
Figura 13. Estampa de chita, chitão e chitinha.	42
Figura 14. Top e saia, Lódice	43
Figura 15. Estampas de flores verdes e amarelas.....	44
Figura 16.Vestido amarelo, Lódice	45
Figura 17.Blusa e saia, Farm e Adidas	49
Figura 18. Bolsa, Farm e Adidas.....	50
Figura 19. Vestido, Farm e Adidas.....	51
Figura 20. Estampa de chita flores azuis com fundo vermelho.....	52
Figura 21.John de menina, Farm.....	54
Figura 22.Mini coleção Menina do rio, Farm.....	55
Figura 23.Mini coleção Menina do Rio, Farm	57
Figura 24.Tecido chitão estampado floral rosa com fundo amarelo.....	58
Figura 25. Mini coleção:Borda Menina.....	59
Figura 26.Mini coleção: Borda menina; saia de chita bordada, Farm.	60
Figura 27.Tecido de chita estampa de flores	61
Figura 28. Mini coleção: Borda menina. Vestido longo Azira	62
Figura 29. Tecido chita flor laranja.....	63
Figura 30. Vestido amarelo floral, Lenny Niemeyer	65
Figura 31. Maiô floral, Lenny Niemeyer	66
Figura 32. Tecido de chita fundo amarelo, flores rosas	67
Figura 33. Maiô floral, lenny Niemeyer.	68
Figura 34.Chita amarela flores coloridas	70
Figura 35. Top e calça floral e colete, Saia de Chita.....	71
Figura 36. Vestido e bolsa floral, Saia de Chita	71
Figura 37. Vestido verde floral e bolsa, Saia de Chita	73
Figura 38. Saia e top flora e bolsa, Saia de Chita.....	73
Figura 39. Estampa de Chita	74

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1.A CHITA.....	12
1.1 A Origem da Chita.....	12
1.2 Tipos de chita.....	13
1.3 A produção de tecido estampado no Brasil	14
2. MERCADO DE MODA BRASILEIRA.....	19
2.1 Breve história da moda brasileira.....	19
2.2 O que começamos a chamar de moda brasileira.....	22
3. A CHITA NO BRASIL.....	25
3.1 A chita e seus usos no Brasil.....	25
3.2 Breve história da chita na moda brasileira	25
3.3 A chita como inspiração na moda brasileira contemporânea.....	38
3.3.1 Lódice.....	39
3.3.2 Farm	46
3.3.3 Lenny Niemayer	63
3.3.4 Saia de chita	69
4- CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	78

INTRODUÇÃO

Para iniciar a introdução da presente pesquisa peço ao leitor que compreenda a minha apresentação nesse momento em primeira pessoa, pois como o tema escolhido tem uma relação pessoal acredito que ficaria mais interessante iniciar assim meu trabalho.

A pesquisa parte do meu interesse pela costura, dessa forma quando se está na fase inicial da aprendizagem normalmente é escolhido um tecido que seja mais firme, para que o mesmo não escorregue na máquina durante o feitiço da peça. A partir disso, quando comecei a costurar, com 21 anos aproximadamente em meados do ano de 2012, logo me interessei pelo tecido da chita, pois além de ser mais fácil de costurar, o mesmo tem um preço mais em conta. E não para por aí, lembro-me em época de festas juninas, quando ia dançar quadrilha e mencionava com minha mãe que iria fazer uma roupa ela dizia: “usa o tecido de chitão”, pra nós leigas no assunto o nome chita, chitão e chitinha não tinham diferença em relação à estampa.

Os anos passaram e durante a graduação em Moda ainda tinha interesse pelo tecido, suas cores e estampas continuavam a chamar minha atenção, mas sempre refletia como inseri-lo na moda de forma usual e que fosse diferente dos tipos de roupas de chita já existentes? É importante ressaltar que nesse momento não havia pesquisado nada a respeito do tecido, foi somente a partir de uma disciplina chamada “Laboratório de Criação III” ministrada pela professora Mônica Queiroz que tive a ideia de explorar esse tecido. Naquele momento a pesquisa teórica não foi aprofundada, pois não era o objetivo da mesma, como trabalho final realizei um vestido casual com aplicações de chita e bordado. Por fim, como me interessei por moda brasileira, seria interessante pesquisar a chita, tecido tão conhecido e usado no país das formas mais diversas.

Para compreender melhor o tecido da chita foi necessário pesquisar desde seu descobrimento na Índia em 1498 por Vasco da Gama, sua chegada no Brasil quando o país era colônia de Portugal e até a atualidade.

No decorrer do trabalho trago um breve histórico da história da moda brasileira, apresentando o que foi moda ao longo do tempo no país e quando começamos a busca por produzir a chamada “moda brasileira”.

Por último é apresentado os usos do tecido da chita no Brasil, em decorações, danças típicas, carnaval, cenário e figurino de grupo de dança, figurino de personagem de novela e apresentador de televisão até a sua chegada na moda primeira na década de 1960 em até a década de 1990.

Após todo esse percurso foi analisado como estilistas e marcas brasileiras já fizeram ou ainda fazem o uso do tecido da chita ou da referência da sua estampa para produzir trabalhos na contemporaneidade.

1.A CHITA

1.1 A Origem da Chita

A chita surgiu na Índia, o seu nome se origina do sânscrito, uma língua clássica da Índia. Ao procurarmos no dicionário o significado da palavra chita podemos encontrar a seguinte definição: “tecido ordinário de algodão, estampado em cores”. (DICIONÁRIO MINI AURÉLIO, 2001).

De acordo com Mellão elmbroisi (2005), o tecido de algodão estampado é encontrado por Vasco da Gama ao ancorar na cidade de Calcutá, no ano de 1498. Entre os séculos XV e início do XVI, alguns países da Europa, como Alemanha e Itália já tingiam alguns tecidos, (seda ou linho). O processo de tingimento de tecido ou fios é feito através do mergulho dos mesmos em um banho de pigmento, já a estampa era feita com “carimbos” sobre o tecido, que pode ser cru, branco ou tingido.

O algodão inicialmente utilizado para estampar a chita, era raro de se encontrar na Europa, pois o mesmo necessita de clima quente para se desenvolver. Os indianos faziam o uso da mordente, um preparo químico que reúne cola tinta, alúme e outras substâncias, tal produto tem como objetivo aumentar a durabilidade da cor do tecido. Como os europeus ainda não detinham de tal conhecimento, as cores de seus tecidos resistiam menos que a dos indianos ao serem lavados e expostos ao sol. (MELLÃO, IMBROISI, 2005)

O tecido da “chita” ou “pintado” chegaram à Europa inicialmente através dos portugueses, porém os mesmos não se interessaram em comercializá-los. As peças de algodão bordado com seda, de seda bordada com algodão e até de seda bordada com ouro foram que chamaram a atenção dos portugueses. (PEZZOLO, 2007)

Os europeus tinham um grande interesse pelas especiarias, sedas e porcelanas do Oriente, mas quando conheceu o tecido de algodão estampado indiano, alguns povos como os franceses, holandeses e ingleses ficaram maravilhados com a nova descoberta. (MELLÃO; IMBROSI, 2005).

As chitas de Alcobaça inicialmente tinham em suas estampas motivos florais e aves raras em sua maioria. O tom do azul escuro era muito utilizado, sendo uma das suas principais características. Havia combinações entre os desenhos, gerando listras no decorrer do tecido. (PEZZOLO, 2005)

Portugal começou a designar esses novos tecidos com o termo “indiano”. Mas, na Índia esses panos coloridos eram conhecidos pelo nome chint, que de acordo com Mellão e Imbroisi (2005), significa “pinta” ou “mancha”, em híndi (a língua falada e literária da Índia), e chit na região do meridional, na Inglaterra eram chamados de Calicut, dessa forma pode-se observar que o tecido de algodão estampado em cada região do mundo foi denominado de uma forma.

Nas primeiras décadas do século XX, imigrantes portugueses trouxeram para o Brasil bastantes colchas e lenços de Alcobaça, influenciando assim a indústria brasileira na época. (PEZZOLO, 2005)

O chintz quando chega em terras brasileiras acaba sofrendo algumas adaptações, como por exemplo, no nome e nas estampas, aqui a mesma é popularmente conhecida como Chita, suas estampas normalmente são florais e suas cores são vibrantes e variadas. (MELLÃO; IMBROISI, 2005)

1.2 Tipos de chita

A chita tecido popular, e de fácil acesso são descendentes da família de Dona Maria Chitinha, uma senhora portuguesa parente do Mr. Chintz de Lacashire, que tem parentescos na região francesa de Provence, na Vila portuguesa de Alcobaça, e tinha descendência de uma casta de trabalhadores da Índia. No Brasil, nasceu sua filha na região de Minas Gerais, Maria Chita, mãe de João Chitão. (MELLÃO; IMBROISI, 2005).

A estampa original da chita é floral. Pode-se chamar de chitinha quando as flores forem menores, de chita as flores medianas e o chitão é caracterizado por terem flores maiores, em tons vivos e com traços de grafite delineando contornos, o mesmo cobre a trama do tecido engomado. (MELLÃO; IMBROISI, 2005).

Entre os anos de 1945 e 1964 o Brasil passa por um período denominado democracia populista repercutindo assim na economia indústria e têxtil do país,

O Brasil passa por um período denominado democracia populista, no qual tinha como características a instabilidade política, tal evento ocorre entre 1945 e 1964, situação no qual acaba repercutindo também na economia industrial e têxtil do país. Em decorrência disso algumas empresas param de produzir e vender chita em abundância. (MELLÃO; IMBROSI, 2005).

A partir da década de 50, a Fiação e Tecelagem São José, volta a demanda específica de sua clientela, a mesma produzia o tecido para clientes que faziam seu uso para decorações. Com o intuito de produzir uma chita com uma largura maior, começam então a ser feitos testes. Até então, o Brasil produzia peças com o mínimo de 60 cm e o máximo de 90 cm. Sendo assim, foram recortados e remontados teares com noventa centímetros com o objetivo de tecer peças de 1,2 metros de largura. (MELLÃO; IMBROSI 2005)

A chita produzida com uma largura maior foi denominada chitão, sendo somente divulgada na década 60, quando outras empresas também começaram a produzir o mesmo tipo de tecido. Alguns anos depois foram feitas chitas com larguras maiores para à fabricação de colchões. (MELLÃO; IMBROSI, 2005)

Na contemporaneidade o chitão tem como características as dimensões e as cores de suas estampas florais. Quando a estampa é feita sobre uma base que não seja o morim, a referência dada ao novo tecido é “estampa de chita”. (MELLÃO; IMBROSI, 2005).

1.3 A produção de tecido estampado no Brasil

Segundo Neira (2012), o Brasil tem a sua primeira investida de abertura de uma estamperia no ano de 1750, quase concomitante a Portugal. Dessa forma, pode-se apontar um interesse em consumir esse produto em terras brasileiras, significando um bom mercado:

“Mas a, interdição do estabelecimento de manufacturas no Brasil e seu clima tropical favoreciam o consumo dos panos estampados em Lisboa. As chitas nacionais já em 1777 eram exportadas para o Brasil, e esse negócio veio adquirir uma importância notável, apesar das dificuldades ocasionais que a guerra criou na década de 1790 o fornecimento de fazendas brancas da Ásia...” (PEDREIRA, 1991, p.553 apud NEIRA, 2012, p.105)

Segundo Pezzolo (2007), o mercado brasileiro assegurava o escoamento da maioria da produção portuguesa. Devido ao crescimento da mineração, as camadas de classe baixa da sociedade se aglomeraram em Minas Gerais. A procura pela chita aumentou, pois o tecido era barato e apropriado ao clima, dessa forma os teares domésticos ficavam encarregados da produção.

De acordo com Queiroz (2005), os teares para a produção de tecidos como a chita eram poucos, os mesmos eram utilizados por escravos, índios e mestiços, que talvez possa ser enxergado como uma previsão da relação íntima do tecido da chita com o povo.

Durante a crise provocada pelas guerras de independência nos Estados Unidos no século XVIII, o algodão brasileiro chegou a abastecer as indústrias britânicas, impulsionando assim a produção têxtil brasileira. (MELLÃO; IMBROISI, 2005)

De acordo com Pezzolo (2007) a produção de tecidos de algodão no Brasil apontavam um futuro propício, com isso houve um decreto português no ano de 1785 proibindo a criação de manufacturas no Brasil. Porém, alguns mineiros não obedeceram as ordens e continuaram a tecer escondidos. (MELLÃO; IMBROISI, 2005)

Com a chegada do príncipe regente Dom João, em 1808 ao Rio de Janeiro as estampas em tecidos começam a se desenvolverem. Porém é necessário ressaltar que a chita já era conhecida no Brasil desde o século XVII, quando esse foi produto importado da Índia, de Portugal e, essencialmente da Inglaterra, sendo usado como moeda de troca no tráfico de escravos. (MELLÃO; IMBROISI, 2005).

No dia 23 de março do ano de 1809, o governo apoiou a atividade de ensino e fabrico de chitas com o objetivo de promover a indústria do comércio. Carrara Jr. e Meirelles (1996), (*apud* NEIRA, 2012), falam um pouco sobre esse incentivo:

[...] o governo decidiu criar o Real Collegio de Fábricas ou Collegio de fábricas de tecidos, no Rio de Janeiro, que deveria funcionar como escolas de tecelões, além de sediar fábricas de tecidos “do largo e do estreito”, termos parecem denotar a largura dos tecidos. Em 1810 já funcionavam as oficinas de Tecidos do largo de Seda e Algodão, de Galeões e Fitas, de Estamparia de Chitas e Cartas-de-Jogar, bem como a tinturaria. A fábrica de tecidos começou a operar em janeiro de 1811. (Carrara Jr. e Meirelles, 1996p.228)

Segundo Ferreira (1994), (*apud* NEIRA, 2012), o Collegio das Fábricas era constituído pela Fábrica Cartas-de-jogar e pela Estamparia de Chitas, e nessas oficinas eram utilizadas matrizes importadas de talho-doce ou madeira, que nos permite concluir que o desenho não era feito localmente.

Através de um pedido de isenção de impostos feito ao próprio Rei, os fundadores da fábrica de estamparia do Catete, Henrique Nunes e Joaquim da Silva, foram privilegiados por meio de um decreto que tem como datação 6 de outubro de 1809. O tecido branco foi qualificado como matéria-prima segundo a interpretação jurídica, o Rei abriu mão dos direitos nas Alfândegas para os tecidos importados serem estampados, da mesma forma para os estampados do Brasil. O tecido só poderia ser comercializado mediante o recebimento de um beneficiamento, dessa forma era necessário que provasse a utilização do tecido importado para esse fim. (NEIRA, 2012).

Carrara Jr, e Cardoso (1996), (*apud* NEIRA, 2012), indicam que anos mais tarde a regra das taxas foi expandida a todos os gêneros por um novo Alvará. As fazendas estampadas, pintadas, tintas ou bordadas nas fábricas nacionais teriam direito à devolução da metade dos impostos pagos. Mediante essa política foi incentivado um empreendimento que estimulava o surgimento de outras fábricas. Com a nova legislação a estamparia do Catete foi a empresa que mais

teve benefício. Essa empresa foi a principal razão da assinatura desse Alvará e substancial postulante de incentivos.

Devido a curta duração de alguns empreendimentos, a ausência de informações sobre o segmento especial, e também às tentativas de o governo promover o desenvolvimento das estamparias, através do método de amenizar os custos e impostos, calcula-se que havia dificuldades econômicas nesse setor. Os produtos estrangeiros de qualidade eram o que mais dificultava esse tipo de negócio. Nessa época havia muitas dificuldades tarifárias para os importadores de tecidos. (NEIRA, 2012).

No decorrer da pesquisa já foi citado diferentes fábricas, cada uma com sua relevância, mas a oficina artesanal de Fernand Reyhner (1858-1902), instalada no Rio de Janeiro que ocupava a posição de primeiro estampador de tecidos no Brasil. De acordo com um anúncio de 1870 apresentado por Neira(2012), o proprietário dizia que as máquinas e as técnicas utilizadas em seu estabelecimento eram da Europa, nesse local podia-se lavar, tingir, lustrar, amaciar e estampar qualquer tipo de fazenda. Através dessa informação é percebido que ao anunciar que em determinados empreendimentos as máquinas e técnicas eram estrangeiras, reforçava mais ainda a ideia de que os produtos realizados nesse empreendimento teriam uma boa qualidade.

O produto nacional não tinha uma boa qualidade comparada aos similares estrangeiros. Com a instalação de estamparias industriais, modificou-se de alguma forma a visão em relação ao produto nacional. (NEIRA, 2012).

Com o objetivo de vencer a concorrência com tecidos estrangeiros, a Companhia Progresso do Brazil, sendo mais conhecida como Bangu, investiu em equipamentos que pudessem auxiliar no desenvolvimento de diversificados tecidos no início do século xx. (NEIRA, 2012)

Dando continuidade ao histórico das fábricas de estamparia no Brasil, segundo o site da fábrica Cedro Têxtil¹, no dia 12 de agosto de 1872, na cidade de Taboleiro Grande, no interior de Minas Gerais, os irmãos Bernado, Caetano e Antonio Cândido Mascarenhas resolvem investir na produção têxtil para

¹ Fonte: <http://www.cedro.com.br/Institucional/Institucional>

consumo nacional, pois era uma grande oportunidade para o desenvolvimento da atividade têxtil no país. A Companhia de Fiação e Tecidos Cedro e Cachoeira foi pioneira na industrialização do Brasil. Tornou-se a maior produtora de chitas, e possivelmente, a responsável pela propagação por todo país, a sua primeira máquina de estampa foi comprada no ano de 1906.

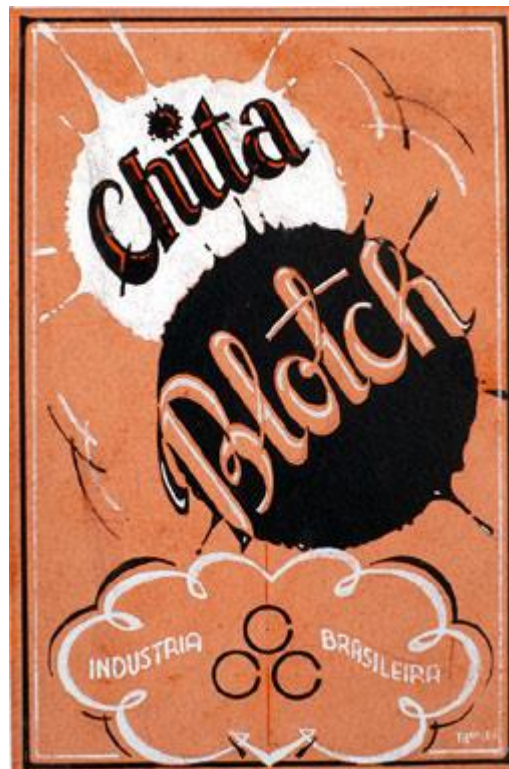


FIGURA 1. ANÚNCIO CEDRO TÊXTIL

S/data. Acesso: 11/09/2018

Fonte:<http://www.cedro.com.br/Institucional/Institucional>

Mascarenhas(1972) (*apud* NEIRA,2012), afirma que os tecidos estampados da Companhia não tinham uma boa aceitação na região Sudeste, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo, e eram mais vendidos no sertão.Com o passar dos anos a empresa aperfeiçou seus produtos de forma que se adequassem ao mercado do Rio de Janeiro, mais pra frente Belo Horizonte e São Paulo.

A empresa já havia condições de produzir tecidos de boa qualidade para atender aos padrões de exportações e também aos consumidores que tinham

uma maior exigência, mas fica óbvio que havia uma negação aos tecidos nacionais. Apesar de ter havido investimento em mão-de-obra e em tecnologia é claro que não houve preocupação com a implantação de um programa de desenvolvimento de produtos efetivo. Por meio das práticas adotadas, a indústria voltou-se ao mercado interno popular atendendo a sua demanda para impedir a entrada de tecidos estrangeiros no país. (NEIRA, 2012)

Entre os anos de 1950 e 1960, ocorreu um aumento veloz da indústria nacional de tecidos de algodão, sendo muito importante para a economia do país. No início da década de 1970, de acordo com Morales e Aquino (1971), (*apud* NEIRA, 2012), a produção de estampados no Brasil, era menor que a de tecidos lisos ou com padronagens de tecimento. Nessa década a técnica mais utilizada para estamparia era o sistema de impressão de cilindros de cobre. Somente no ano de 1980 que a Bangu comprou maquinarias holandesas que estavam atualizadas para o processo de estamparia de alta produtividade. Segundo a autora até os anos de 2009 era esse tipo de tecnologia que predominava nas estamparias brasileiras.

Entretanto, para entendermos melhor sobre o tecido da chita no Brasil, foi necessário percorrer brevemente a sua origem e o trajeto histórico da indústria têxtil brasileira. Nesse caminho, vimos que o desenvolvimento têxtil no Brasil teve uma forte influência da Europa, principalmente Portugal e Inglaterra seja nas técnicas ou nas maquinarias. O tecido que muitas vezes foi rejeitado por muitos no Brasil, faz parte da nossa história, esse está na memória do nosso povo.

2. MERCADO DE MODA BRASILEIRA

2.1 Breve história da moda brasileira

A moda francesa foi a primeira a ser seguida no Brasil, através da chegada da família real portuguesa no ano de 1808. Nesse momento quando se pensava em sofisticação na moda a francesa era a que estava à frente. (ESQUEZANI, 2009)

No final do século XIX e início do século XX os brasileiros ainda se vestiam de acordo com o estilo europeu. A aristocracia rural brasileira tinha o almejo de se vestir como as elites européias. O clima tropical e o desconforto dos trajes do século XIX tornavam-se uma tarefa difícil para o ambos os sexos. (BRAGA; PRADO, 2011)

Segundo Neira (2008), editores de moda e os dirigentes das indústrias têxteis, ao refletirem a respeito das características climáticas e culturais que difere o Brasil da criação-produção de moda europeu começaram a questionar se era necessário continuarmos seguir o vestuário com referências na moda estrangeiras que chegava no país por meio de revistas e cinema, nesse momento o bom gosto e a elegância validado era formado na Europa e anos mais tarde no Estados Unidos da América.

Havia uma preocupação em proteger a economia do país, muito mais do que uma discussão pelo direito a “expressividade” nacional através das roupas. No desenvolvimento inicial das indústrias têxteis e do vestuário, sobressaíram ações comerciais em direção a uma pretensa “moda brasileira” por meio de um aprimoramento técnico que via a cópia como uma etapa intrínica do processo criativo. (NEIRA, 2008)

As casas de luxo femininas como a Canadá, que se localizava no Rio de Janeiro e a Casa Vogue em São Paulo, compravam roupas em Paris as novidades da alta-costura, e revendiam no Brasil. A Casa Canadá antes de revender, analisava a peça e copiava o modelo em tecidos diferentes, era mudado apenas alguns detalhes para depois as peças serem vendidas com a etiqueta Canadá de Luxe. (BONADIO, 2014)

A respeito das camadas da classe média da população, considerando os estudos sobre as casas de luxo, é possível sugerir que as lojas de departamento nacionais, Mappin e a Casa Slopper vendiam também roupas relacionadas a moda de Paris, porém o preço era mais acessível. (BONADIO, 2014)

Simultaneamente as casas de luxo que produziam cópias de peças advindas de Paris, no mesmo período havia um dos primeiros exemplos e estetização da alegórica do Brasil nas formas de roupas : Carmen Miranda, que

teve um potencial sucesso no exterior. Alceu Penna (1915-1980) um importante ilustrador brasileiro, realizou a criação de um figurino para a atriz no qual levava as frutas e os balangadãs brasileiros para fora do país, ajudando a criar na mídia uma estética tropical que coincidia com tudo aquilo que foi representação do Brasil desde seu descobrimento.(NEIRA, 2008)

De acordo com Bonadio e Guimarães (2010) o carnaval e o samba se transformaram na representação da alma do país, ou seja, da identidade brasileira. Será nos desenhos de fantasia de carnaval de Alceu Penna que de maneira mais concreta que será criada a imagem do Brasil no universo da moda.

Com o pós-guerra o Brasil passa a ocupar o segundo lugar na posição mundial em capacidade produtiva, nesse momento continuamos ter como forte a produção do algodão. Através de uma capitalização o setor iniciou o processo desaparelhamento, possibilitando assim a variedade e qualidade do tecido nacional. A classe média e alta brasileira valorizava os produtos vindos da europa . O nosso algodão não chamava muito atenção, pois remetia as classe mais baixas do país. Para fazer com que fosse valorizado os tecidos brasileiros entre a classe feminina foi preciso sofisticar os produtos da fibra e investir em marketing . (BRAGA ; PRADO, 2011).

Entretanto como pode ser percebido a elite brasileira seguia a moda ditada inicialmente em Paris e mais trade a dos Estados Unidos . Apesar da indústria e confecção do Brasil terem se equiparado tecnicamente às estrangeiras e Alceu Penna ter esboçado através das suas ilustrações de fantasias de carnaval a criação de um estilo na moda brasileira, calcada no Estado novo, como é dito por Bonadio e Guimarães (2010), o país ainda demorou a ter uma moda identificada como propriamente brasileira. No capítulo seguinte será apresentado o começo da estimulação a essa “moda brasileira”, que acontece a partir da segunda metade do século XX. Dessa forma é percebido que houve uma resistêcia entre a classe alta brasileira em vestir roupas que tivessem tecidos e temas com conotações brasileiras, era valorizado o que vinha de fora.

2.2 O que começamos a chamar de moda brasileira

A moda propriamente brasileira começa a ganhar força através do marchand de artes Pietro Maria Bardi, após um convite de Assis Chateaubriand para o italiano dirigir um Museu de que abrigaria obras de artes consagradas, dessa forma facilitaria a inserção do Brasil no circuito das Artes, de modo a explicitar que o país já estava se desenvolvendo não somente no campo econômico e industrial, mas também na área da cultura.(BONADIO,2014)

Em 1947 o Museu de Arte de São Paulo (MASP) foi inaugurado com sede provisória no prédio dos Diários Associados,na Rua 7 de abril,centro da capital paulista ,onde funcionou até 1968, mudando para a Avenida Paulista, permanecendo até hoje.(BRAGA;PRADO, 2011)

Através da ajuda de sua esposa Lina Bo Bardi, P.M. Bardi realiza algumas importantes ações no MASP na área do design, fundando em 1951 o Instituto de Arte Contemporânea(IAC). Entre os anos de 1951-1952 por intermédio de P.M.Bardi acontecerá dois desfiles no MASP. O primeiro desfile foi denominado “Desfiles de costume”, e o mesmo aconteceu no ano de 1951 e já o segundo intitulado “Desfile de Costumes Antigos e Modernos”, teve como datação o ano de 1952.(BONADIO, 2014)

De acordo com Neira (2008) o ano de 1952 , Bardi enviou uma carta ao Dr.Alberto Alves Lima, o diretor da Casa Anglo Brasileira (Mappin),requisitando um patrocínio para a realização de um evento que contribuísse para uma “moda brasileira”.O objetivo dessa iniciativa era conseguir auxílio técnico e em materiais para a realização de um desfile de roupas completamente planejado e produzido dentro do MASP, que tinha uma seção direcionada ao estudo e à confecção de modelos com o objetivo haver uma afirmação da “moda brasileira”.

O evento citado acima foi denominado como “Primeiro Desfile de Moda Brasileira”, nesse foi apresentada uma coleção com 50 peças, com tecidos estampas e modelos idealizados por designers e artistas que atuavam no IAC sendo uma parte produzidos em oficinas instaladas nesse local, houve o suporte de quatro indústrias têxteis nacionais, sendo elas: tecelagens Ribeiro industrial

S.A, Luftalla S.A e Santa Constância. As peças foram comercializadas na loja de departamentos Casa Anglo-Brasileira (Mappin). (BONADIO, 2014)

Os temas das peças do desfile “Moda Brasileira”, tinham nomes de origem indígena, como por exemplo Itapetininga, Caraguatá, Poracás, Jacaré, outros com referência a elementos da paisagem, como as “Praias do norte”, elementos então considerados marginais, como macumba e favela. Na cultura urbana não é muito encontrado, a execução pode ser encontrada através do vestido nomeado Jardins, que faz referência ao bairro de classe alta da cidade de São Paulo. (BONADIO, 2014)

De acordo com Braga e Prado (2011) a moda brasileira não teve muita aceitação, nesse período. As paulistanas não queriam andar com vestido cujos os nomes eram: macumba, favela, Escola de Samba ou urubu. A experiência de Bardi foi arquivada e não voltou mais essa moda. O Brasil, na verdade a elite não estavam preparados para ter moda própria, tinham a preferência pela moda vinda da Europa.

Dessa forma de acordo com Bonadio (2014) nos resalta que mesmo as peças da coleção não terem atingido sucesso em sua comercialização é provável afirmar que de alguma forma teve continuidade, pois alguns os elementos relacionados à cultura popular brasileira e às paisagens explorados na coleção e rejeitados na época pelo público retornariam através de outras propostas de construção da moda brasileira e, ao longo dos anos seriam um dos principais elementos de identidades design nacional produzido no Brasil.

A autora Neira (2008), explica que a ideia de um país exótico foi remodelada ou até mesmo reutilizada no decorrer dos anos de 1960 pela Rhodia (empresa de fios sintéticos), numa associação da arte brasileira a sua matéria-prima. Em parceria com a companhia aérea VARIG e a Revista Cruzeiro, a Rhodia levava as criações nacionais para serem desfiladas na Europa, nos Estados Unidos e até no Japão. As principais coleções foram apresentadas entre os anos de 1962 e 1967.

O MASP recebe no ano de 1971 aproximadamente 71 vestidos estampados de artistas plásticos que durante a década de 1960 foram exibidos

em desfiles e editoriais de moda que tiveram o objetivo impulsionar os fios sintéticos fabricados pela Rhodia Têxtil do Brasil. Um ponto em comum entre o Desfile de Moda Brasileira e os desfiles e editoriais de moda da Rhodia Têxtil, é que ambos tinham o objetivo de divulgar e propagar imagens da moda brasileira associadas à cultura popular e as paisagens. Tais imagens são propostas a partir do olhar estrangeiro. Diferentemente do Desfile de Moda Brasileira, o evento da Rhodia queria somente agregar valor de arte e brasilidade à marca. Por meio da associação dos tecidos fabricados com filamentos sintéticos à arte buscava-se conquistar os consumidores brasileiros, principalmente os mais exigentes. (BONADIO, 2014)

Na década de 1970 a “moda brasileira”, adquire um sentido quase folclórico. No trabalho de Zuzu Angel pode-se encontrar uma criação associada às representações do país, sendo que a mesma não levava em conta a forma como era produzida, comércio/circulação e uso. (NEIRA, 2008)

Ainda analisando a moda brasileira, é identificado que até o final da década de 1970, as roupas usadas pelo brasileiro eram feitas em costurarias, é somente na década de 1980 que o prêt-à-porter de luxo irá ganhar importância. Na segunda metade dos anos 1990 haverá ainda havia dificuldades em determinar um calendário para a moda nacional através do estabelecimento de de moda das semanas de moda, os eventos de moda em sua grande maioria ainda aconteciam na FENIT. Após algumas crises na moda e na indústria têxtil nacional devido às barreiras alfandegárias propostas pelo Governo Federal entre os anos de 1990 e 1994, que a moda irá ganhar impulso, a partir da fixação de um calendário para as semanas de moda, havendo entre as marcas do prêt-à-porter de luxo nacional uma busca pela identidade. (BONADIO, 2014)

Como é percebido, a moda dita como propriamente brasileira começa a ser pensada a partir da década de 1950, apesar desse incentivo a moda feita no país não foi muito aceita na época, a elite brasileira continuou a valorizar o que vinha do estrangeiro. Nesse momento alguns elementos que eram vistos como tipicamente brasileiros foram representados na moda, os anos passaram e tais elementos ainda continuam vistos por alguns como a representação do país, exemplos deles são: fauna, flora, o tropical etc. Para a “moda brasileira” se firmar

foi necessário a realização de vários eventos que mostrassem que nossos tecidos e produtos eram de qualidade. Após esse longo percurso é percebido que a “moda brasileira” buscou e ainda busca formas para que seu produto seja valorizado dentro e até mesmo fora do país. Temos muito ainda que conquistar nesse ramo, mas podemos dizer que hoje conseguimos produzir a “moda brasileira”, mas sem necessariamente usar o estereótipos que muitas vezes são associados ao país.

3. A CHITA NO BRASIL

3.1 A chita e seus usos no Brasil

No Brasil a chita desde sua chegada não foi muito usada no vestuário, entretanto, a decoração é uma das áreas na qual mais se utilizou o tecido. Um dos motivos nos quais podemos justificar o não uso da mesma seria talvez o fato da chita não ser um tecido de boa qualidade, o mesmo é áspero e de fácil desbotamento, não seria interessante ter uma roupa com essas características. Outra questão também é o fato da chita ser associada às roupas das festas típicas como, as festas juninas e julinas; dentre as quais, “O maior São João do mundo”, na cidade de Campina Grande na Paraíba; a dança do Carimbó do Pará, o carnaval e entre outras.

A chita apesar de ser vista com descrédito por muitos desde o início de sua fabricação no Brasil, vive bons momentos, mas efêmeros nas passarelas, em ciclos que se reprisam e aperfeiçoam desde 1960. O tecido que era muitas vezes visto como de pobre, roupa de caipira, de brincar, e entre outras nomenclaturas dadas à trama, quando colocados na passarela e vestem as top models com as estampas da chita e do chitão acabam tendo uma nova significação. (MELLÃO; IMBROISI, 2005)

3.2 Breve história da chita na moda brasileira

Possivelmente, a primeira estilista brasileira a usar a chita em suas produções foi Zuzu Angel (Zulieka Angel Jones), estilista nascida em Curvelo, no interior de Minas Gerais, foi um importante nome na moda brasileira, o seu

trabalho inicial estava voltado para roupas sob encomenda, desenvolvendo uma linha de peças prontas, sendo saias as primeiras confeccionadas. O prêt-à-porter já era notado em sua produção, mesmo esse sendo feito de forma artesanal e em pequena escala. (ANDRADE, 2009)

A estilista produziu t-shirts com apliques e bordados quando ainda não existia o uso aqui, conseguiu vender o seu trabalho nos Estados Unidos e usou muita chita. Sua filha Hildegard Angel menciona: “Em 1959, ela fez saias de chita e zuarte, que é um tecido semelhante, utilizado para forração de colchões; eram baratos, ela estava sem dinheiro. Foi um sucesso. (MELLÃO; IMBROISI, 2005)



FIGURA 2. VESTIDOS DE CHITA, CRIADOS POR ZUZU ANGEL NO INÍCIO DA DÉCADA DE 60

Fonte: Imbroisi; Mellão. 2005. Que chita bacana. Pág. 171.

A chita nem sempre ocupou um espaço na moda brasileira, é somente a partir dos anos de 1960 com o movimento hippie com seu visual florido e colorido

e, no Brasil, no tropicalismo, que o pano virou roupa. De acordo com os autores Mellão e Imbroisi (2005) é nessa mesma época que o vestidinho de chita ficou considerado pelas mulheres brasileiras como item indispensável: básico, simples, fresquinho, ideal para o verão do país.

Na dramaturgia o vestidinho de chita ganha destaque quando na versão televisiva de *Gabriela Cravo Canela*, de Jorge Amado, que estreou na TV Globo em abril de 1975. Segundo a consultora de moda Glória Kalil foi através do vestido usado pela protagonista interpretada pela atriz Sonia Braga, que esse vestido se tornou um uniforme da brasileira. (MELLÃO; IMBROISI, 2005).

Na década de 1970 o chitão marca presença no Rio de Janeiro, que era considerado como a capital da moda brasileira naquele momento. Os estilistas Sônia Gallotti e Antônio Bernado (joalheiro) que tinham uma lojinha em Copacabana, denominada Sônia Bernado. Nesse estabelecimento eram vendidos biquínis de chitão, com calcinha larga, quase um shortinho curto. A dupla assinou também algumas outras peças de chitão, como calças, blazers e vestidos. No ano de 1979 aconteceu um desfile da marca nos Arcos da Lapa, no Rio de Janeiro, modelos vestidos de chitão ficavam nus, protestando contra o desaparecimento de presos políticos. Os autores Mellão e Imbroisi (2005), relatam que tal atitude dos modelos seriam uma forma de fazer da chita a bandeira liberal.

Em 1985 Renata Mellão, uma das proprietárias da marca SP City, desenvolveu uma coleção denominada Moda Bóia-Fria. Para os autores Mellão e Imbroisi (2005), associar a chita com bóias-frias é, de certa forma, resgatar a origem e a tradição do tecido pela classe trabalhadora, desde o Brasil Colônia.

Após o fim dos anos de 1980, a chita sai de cena na moda. A chita retorna por intermédio de Ronaldo Fraga que apresentou no ano de 1993 como projeto final em seu curso de estilismo em Londres alguns casacos forrados de chitão. Em 2000, em parceria com a Fiação e Tecelagem São José, criou a coleção “Quem matou a Zuzu Angel?”, nessa é usada algumas amostras antigas de chita como inspiração para a realização de algumas peças. No decorrer da carreira do estilista podemos encontrar algumas outras coleções no qual a chita é revisitada. (MELLÃO, 2005)

Ao longo da década de 1990, a chita continua sendo utilizada em variados trabalhos de artistas, estilistas, cenógrafos, decoradores, etc. O Grupo Corpo de dança da cidade de Belo Horizonte no ano de 1992, tem como fundo do espetáculo o cenário feito pelo artista plástico Fernando Velloso. (Mellão; Imbroisi, 2005).



FIGURA 3. GRUPO CORPO 21

Figurino: Freusa Zechmeister e Cenografia: Fernando Velloso

Fonte: <http://www.grupocorpo.com.br/obras/21#fotos>-Acesso:01/11/2018

A respeito do cenário e figurino do Grupo Corpo 21, apresentado no ano de 1992, autora Podestá (2015) nos fala em uma reportagem da revista digital Saragana²:

“Assistir ao espetáculo é ouvir, ver, sentir, exercitar-se e emocionar-se. As cores são das festas de ruas de São João, da chita do baião, do congado. São listras, flores, verde limão, rosa choque, vermelho batom. A dança presença popular do mineiro é resgatada no figurino e no cenário, entretanto, funda-se numa mistura que parece mais cosmopolita que regional. (PODESTÁ, 2015)

² Sobre a Revista Saragana

Fonte: <http://revistasagarana.com.br/quem-somos/>- Acesso: 1/11/2018.

<http://revistasagarana.com.br/especial-grupo-corpo/>- Acesso: 1/11/2018

De acordo com a autora Podestá (2005) a dança que é popular do mineiro é resgatada no cenário e no figurino, apesar de nesses haver estampas de listras e bolinhas, o maior destaque é para a chita, essa que é muito associada aos elementos populares.

Ainda analisando a chita na moda, aconteceu no dia 21/01/2005 a 20/02/2005 a exposição denominada “A Chita na Moda”, no Museu da Casa Brasileira(MCB).Para a realização dessa foram convidados 11 marcas e estilistas:Amapô, André Lima, Gloria Coelho, Karlla Giroto, Madalena, Marcello Sommer, Neon, Raia de Goye, Reinaldo Lorenço, Ronaldo Fraga e Sonia Kiss, cada um com sua percepção realizou acessórios e vestuários com o tecido da chita.(MUSEU A CASA, 2005)



FIGURA 4. EXPOSIÇÃO CHITA NA MODA

Fonte: Museu da Casa Brasileira- Acesso:1/11/2018

Fotografia :Renata Jubran-S/data



FIGURA 5. CHITA NA MODA, CRIAÇÃO RITA DE GOYE

ACESSO:01/11/2018

Fotografia: Jacques Dekequer- 20/01/2005

Fonte: Museu da Casa Brasileira.



FIGURA 6. BOLSAS DE CHITA, CRIAÇÃO SÔNIA KISS-ACESSO:01/11/2018

Fotografia: Roberta Dabdab-20/01/2005

Fonte: http://www.acasa.org.br/reg_mv/OB-00594/702d5589e6d640b57de3852287ebdbbc

Nas imagens acima percebemos que apesar das peças confeccionadas serem feitas no tecido da chita, os estilistas as fizeram com uma modelagem que desvinculava as peças criadas do rural, folclórico e carnavalesco já citado anteriormente. As bolsas acima, podem ser relacionadas à fauna, um dos elementos associados ao Brasil.

Ainda em 2005 aconteceu a exposição denominada “Que Chita Bacana” com a curadoria de Renato Imbroisi, no SESC Belenzinho e depois apresentada no SESC Campinas. Nessa exposição foi contada a história do tecido da chita, desde sua descoberta na Índia, sua passagem pela Europa até sua chegada ao Brasil. Segundo o release sobre a exposição havia alguns módulos, sendo que na parte interna discutia:

(...)a utilização da chita no artesanato popular, seu restabelecimento na moda atual, as festas populares com seus trajes feitos de chita, os cilindros de impressão do tecido, um museu da fábrica de tecido com os carimbos, estampas e etiquetas utilizadas em sua

confeção, além de um teatro mamulengo para crianças, um filme sobre chita, uma exposição de fotografias, e uma oficina de trabalhos manuais. (ESTÚDIO INFINITO,2015)

Do lado externo tinha bonecos grandes relacionados à festa do Bumba-meu-boi, local no qual havia brincadeiras, dança e apresentações. Ademais foi elaborada uma loja com produtos feitos no tecido de chita.(ESTÚDIO INFINITO, 2015)

Dando continuidade a exemplificação dos usos da chita no Brasil, ocorreu no dia 18 de maio de 2009 a 31 de julho de 2009, no Museu A Casa a exposição: "Que Chita bacana, o enredo". Sob a curadoria de Renato Imbroisi e Renata Mellão, nessa é apresentada algumas das peças que fez parte de um dos Desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro no carnaval 2009. As fantasias são da escola do Grêmio Recreativo Estácio de Sá(G.R.E.S)³, tendo como carnavalesco Cid Carvalho. Alguns dos figurinos que fizeram parte da exposição foram: do chacrinha, Bumba-meu-boi, Rei do Maracatu, Baiana e entre outros.(MUSEU A CASA,2009)⁴

³ Nesse site segue dados mais detalhados sobre o samba enredo: Que Chita Bacana, da Escola G.R.E.S. Fonte:<http://www.galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/estacio-de-sa/2009/>- Acesso: 16/11/2018.

⁴ Dados da exposição de figurinos da Escola Estácio de Sá realizada no ano de 2009 no Museu A Casa. Fonte:<http://www.acasa.org.br/expo/chitabacana> Acesso: 1/11/2018.



FIGURA 7. ALEGORIA, CRIAÇÃO CID CARVALHO
ENREDO QUE CHITA BACANA, PARA O DESFILE DE 2009, DA G.R.E.S. ESTÁCIO DE SÁ.

Data de reprodução:2008/2009-Rio de Janeiro

Fonte: Museu A Casa-Acesso:01/11/2018

Na atualidade, podemos encontrar o uso do tecido propriamente dito, no trabalho do estilista brasileiro João Pimenta. Pesquisando no site da marca é encontrado somente a respeito das coleções e lojas, porém não há nada que mencione o início e decorrer de sua carreira.

Com o objetivo de conhecer melhor o seu trabalho foi encontrada uma entrevista de João Pimenta no site “Sou de Algodão”⁵, segundo dados disponibilizados o criador que era lavrador no interior de Minas Gerais, deixou

⁵ Sou de Algodão é um movimento que fortalece e une os principais agentes das cadeias produtivas, em torno de um bem comum: promover a sustentabilidade e o consumo consciente da moda”
Fonte: <http://soudealgodao.com.br/movimento/>-Acesso:01/11/2018.

esse trabalho e se tornou na atualidade em dos mais relevantes nomes da moda brasileira. No país foi ele o pioneiro da estética genderless.⁶ No início de sua carreira na Casa dos Criadores o seu primeiro trabalho foi direcionado para o público feminino, para o masculino se inicia após perceber que esse era um campo no qual tinha espaço no mercado e havia também uma busca para a moda masculina menos óbvia. As peças estudadas nessa pesquisa serão da sua primeira coleção 100% algodão, a mesma foi lançada para o outono/inverno-2018, sendo o seu primeiro desfile totalmente de moda feminina.

De acordo com o release⁷ as peças aparecem com silhuetas retas e acinturadas, manga raglan, listras, bordado floral, sobreposições e cores de uniforme esportivo (marrom, azul marinho, verde militar, cinza). De acordo com Wakabra⁸ (2018) o barroco é encontrado através dos bordados, a religiosidade é apresentada por meio de medalhinhas, um dos tecidos encontrados é o xadrez. As referências usadas são duas: a festa junina e o avental, tais elementos normalmente não são usados na passarela e João Pimenta os transformam de forma que as roupas não se relacionem com o rural, o que poderia acontecer.

Ainda falando a respeito das características dessa coleção, foi publicada uma reportagem na Folha de S. Paulo, online, no qual é mencionado sobre o uso da chita e xadrez nessa coleção:

“Entre os maiores preconceitos na moda nacional com a própria cultura está o uso da chita, tecido fino de algodão estampado com flores. Também a roupa dita caipira: um xadrez de festa junina e blusas de ombros arredondados. João Pimenta em sua estreia na passarela feminina, dá uma aula de brasilidade em uma das coleções mais elegantes desta temporada.” (DINIZ; MESQUITA, 2018).

⁶ De acordo com o site da Malharia Indaial o termo genderless significa: “o novo, o “normal”. A tendência é fundir as categorias feminino e masculino e diluir essas fronteiras.”

Fonte: <https://www.malhariaindaial.com/estetica-genderless-descubra-como-ela-pode-influenciar-modelagem/>-Acesso:3/11/2018.

⁷ Relesee do desfile no site da jornalista Lilian Pacce (2018), escrito pelo editor-chefe Jorge Wakabara.

Fonte: <https://www.lilianpacce.com.br/desfile/o-primeiro-desfile-totalmente-feminino-de-joao-pimenta/> Acesso:1/11/2018.

⁸ Editor-chefe do site de moda da jornalista Lilian Pacce.

Como a própria reportagem diz o estilista insere em sua coleção o tecido da chita propriamente dito, e esse é muitas vezes “rejeitado” na moda que vai para a passarela. João Pimenta consegue de forma elegante e única utilizar a chita em suas peças. As roupas da coleção outono-inverno/2018 desfilado no SPFW, selecionadas para a pesquisa foram:



FIGURA 8. VESTIDO E CASACO, CRIAÇÃO JOÃO PIMENTA

Desfile outono-inverno/2018.

Fonte: <https://www.lilianpacce.com.br/desfile/o-primeiro-desfile-totalmente-feminino-de-joao-pimenta/>-Acesso:2/11/2018



FIGURA 9. CASACO, BLUSA E CALÇA, CRIAÇÃO JOÃO PIMENTA

Desfile outono-inverno/2018.

Fonte: <https://www.lilianpacce.com.br/desfile/o-primeiro-desfile-totalmente-feminino-de-joao-pimenta/>-Acesso:2/11/2018.



FIGURA 10. VESTIDO XADREZ E FLORAL, JOÃO PIMENTA

Desfile outono-inverno/2018.

Fonte: <https://www.lilianpacce.com.br/desfile/o-primeiro-desfile-totalmente-feminino-de-joao-pimenta/>-Acesso:2/11/2018

Essa coleção escolhida é uma das poucas contemporâneas encontradas que fez o uso do tecido da chita, diferentemente das próximas marcas que serão analisadas no próximo item do capítulo, que utilizam da chita somente como fonte de inspiração para criar seus trabalhos. É interessante ressaltar que esse tecido que muitas vezes foi visto como tecido de pobre, quando vai para a passarela por estilistas renomados acaba sendo visto com outros olhos. Na loja online da marca disponível no site: <http://joaopimenta.site/loja/>, em pesquisa realizada no dia 1/11/2018, a peça mais em conta da marca seria por volta de R\$180,00 reais, dessa forma o público que consome a mesma seria da classe média a alta, sendo assim tais classes muito provavelmente usariam uma peça

do estilista que tenha o tecido da chita e dificilmente compraria uma peça vista como barata e com o mesmo tecido, mas de uma marca desconhecida. O fato do estilista ser reconhecido no mercado de moda facilita que os usuários tenham uma maior aceitação com produtos desse gênero.

3.3 A chita como inspiração na moda brasileira contemporânea

No decorrer da pesquisa já foi dito que o tecido da chita muitas vezes foi e ainda é entendido como um pano para pessoas pobres, para festas juninas, danças típicas e até mesmo como para uso decorativo. Algumas marcas e estilistas utilizam a estampa desse tecido para criar uma moda contemporânea, requintada ou até mesmo para exportação. Ou seja, esses colocam a estampa da chita em suas peças de forma que esses estereótipos dados ao tecido da chita acabam não sendo associados as marcas. Refletindo sobre tal questão, na moda encontramos o termo “vanguarda” que é muito utilizado. De acordo com autora Crane (2005) esse termo implica em modificar os significados usuais atribuídos a itens específicos do vestuário, ou mudar os significados associados a outros tipos de objeto para redefini-los como adequados na forma de vestimenta. Dessa forma, pode-se relacionar o fato das marcas e estilistas citados no trabalho transformarem a estampa de chita em suas roupas como moda ao item citado pela autora, os mesmos mudam os significados associados ao tecido da chita e os redefinem ao utilizá-los em suas peças.

Através de uma pesquisa imagética realizada em sites de moda e lojas online foram encontrados algumas marcas e estilistas que, no meu entender usam a chita como inspiração para desenvolver peças de roupas, sendo assim os estilistas dão um novo olhar para a estampa desse tecido. É importante observar que em alguns casos a influência da chita é claramente informada no sites via releases pesquisados e em outros casos foi feita uma inferência a partir da comparação vista na loja com as principais padronagens de chita. As marcas brasileiras Índice, Saia de Chita e Farm; e a estilista Lenny Nieyemaer foram importantes objetos de estudos para podermos entendermos melhor como a estampa da chita vem sendo utilizada na atualidade.

3.3.1 Lódice

A primeira a ser analisada é a Lódice, marca brasileira consolidada no mercado de moda nacional. De acordo com dados coletados no site da marca, a Lódice foi fundada no ano de 1987 por Valdemar Lódice. Inicialmente a marca foi lançada com malharia, progredindo para linhas de jeans e depois coleções de prêt-à-porter premium com alfaiataria, moda casual e vestidos de festas. Segundo o próprio site a marca teria as seguintes características:

“A marca tem um fascínio pela feminilidade da mulher, juntamente à busca pela sofisticação e trabalho artesanal. Valdemar desenha uma moda com as seguintes características: a silhueta, muitas vezes envolvida por seda e jersey, dois tecidos que tornaram marca registrada”. (IÓDICE, S/data-Acesso: 19/10/2018)

De acordo com a reportagem no site da jornalista Lilian Pacce (2015), no desfile primavera-verão 2015/2016 no SPFW, a marca Lódice trouxe uma coleção que foi :

“(...) Inspirada nas roupas das baianas , amarrações de orixás- que na passarela não deixam de ser japonistas, como pede a tendência, turbante e uma nova roupagem pra estampa das chitas, monocromáticas e em georgette de seda crepe de chine.”(CALCAVECCHIA, 16/04/2015, acesso: 19/10/2018)

Observando atentamente as roupas dessa coleção podemos perceber que há estampas florais, mas num primeiro momento não conseguimos identificar claramente a presença da inspiração da estampa da chita, porém além da descrição da editora Calcavecchia (2015) ⁹a associação da chita também era possível porque Valdemar Lódice mostrava no backstage um moodboard¹⁰ cheio de imagens ligadas à cultura nordestina , com ênfase na Bahia. Valdemar Lódice,

⁹ Aurea Calcavecchia é uma das editoras do site de moda da jornalista de moda Lilian Pacce.

¹⁰Moodboard é um conceito utilizado por diversos designers para ajudar a criar a essência dos seus projetos, por meio de referências.

Fonte: <http://www.entendademoda.com.br/2015/10/dicionario-da-moda-moodboard.html> - Acesso: 17/11/2018

coloca a chita de uma forma inovadora, com tecidos inesperados, que não tem nenhuma relação com o tecido da chita original.

No site da revista Fashion Forward (FFW- 2015) ,há algumas informações que nos fazem entender melhor sobre a coleção primavera/verão 2015/2016 da Iódice. De acordo com a notícia, a dupla Valdemar Iódice (diretor criativo) e Simone (consultora de estilo), fez uma coleção inspirada no Nordeste brasileiro e desfilada com a trilha sonora de Caetano Veloso, apresentando peças com tons terrosos, de rosa antigo ao amarelo queimado (dendê), verde tijolo, com estampas com referência aos florais de chita numa versão pálida.

Segue abaixo imagens de algumas das roupas desfiladas na coleção citada acima da Iódice:



FIGURA 11.VESTIDO VERDE, IÓDICE

Primavera-verão 2015/2016- Acesso:29/09/2018

Fonte:<https://www.lilianpacce.com.br/desfile/iodice-primavera-verao-201516/>



FIGURA 12. ESTAMPA DE CHITA COM FLORES ROSA

Acesso:01/11/2018

<https://www.silviaarmarinho.com.br/tecido-chita-100-algodao-050-x-140-mt--floral-g-fundo-preto.11321.html>-Acesso:01/11/2018

Como podemos observar, o vestido da Lódice possui tecido leve, a parte da saia tem uma modelagem fluida. O vestido transmite a sensação de leveza e frescor. A sua cor é verde. A estampa possui flores grandes na cor branca.

A imagem acima da amostra de tecido de chitão foi inserida na pesquisa com o intuito de auxiliar na percepção de possíveis relações com a estampa do vestido. Como é percebido ambas as flores são grandes, fazendo assim referência ao tecido do chitão. Outra característica em comum é o fato das flores possuírem o formato bem parecidos. O que as diferem são as cores, pois no vestido as flores estampadas na cor branca, que é um tom suave enquanto na amostra de tecido a cor é vibrante. No vestido não há a presença das folhas, já na estampa sim. Dessa forma, é percebido que a marcas seleciona somente alguns elementos para realizar a estampa com referência no chitão.



FIGURA 13. ESTAMPA DE CHITA, CHITÃO E CHITINHA.¹¹-ALGODÃO FLORES-S/DATA

Fonte:https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-899948300-2-metros-tecido-de-chita-chitinha-chito-algodo-flores-_JM -Acesso:07/11/2018

¹¹ A estampa selecionada faz referência ao top estampado de flores brancas e amarelo, usado com a saia cinza com referência na chita também.

Fonte: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-899948300-2-metros-tecido-de-chita-chitinha-chito-algodo-flores-_JM -Acesso:07/11/2018



FIGURA 14. TOP E SAIA, IÓDICE

Primavera-verão 2015/2016/ Acesso:29/09/2018

Fonte:<https://www.lilianpacce.com.br/desfile/iodice-primavera-verao-201516/>



FIGURA 15. ESTAMPAS DE FLORES VERDES E AMARELAS

https://www.bazarsetti.com.br/index.php?_route=_chita-vermelha-flores-verdes-e-amarelas- Acesso: 17/11/2018.

Nas peças da figura 14 pode-se observar um top tomara que caia com o fundo cinza, as flores da estampa aparentam ser margaridas nos tons de branco e amarelo. A saia é feita com um tecido que possivelmente seria de couro, no qual possui estampa de flores também.

A amostra da estampa que está acima do top e da saia, foi colocada no trabalho com o objetivo de analisar as relações entre mesmas. Dessa forma é percebido que na amostra há a presença de dois tipos de flores, que variam as cores e os formatos. Sendo assim, no top é encontrado apenas um tipo de flor, que muda apenas as cores, mas analisando-as é possível observar que as margaridas têm uma relação muito próxima com o padrão visual das flores brancas da amostra de tecido.

Ainda analisando as peças, na saia foi feita a estampa de flores de forma inesperada, o estilista as cria de forma vazada. Quando comparamos as flores da saia com a imagem da amostra do chitão com estampa de flores verdes e amarelas, também percebemos uma proximidade na forma da flor. Conclui-se

que a marca utiliza-se de alguns detalhes da estampa do tecido e os recria de acordo com a sua marca.



FIGURA 16. VESTIDO AMARELO, LÓDICE

Primavera-verão 2015/2016- Acesso:29/09/2018

Fonte:<https://www.lilianpacce.com.br/desfile/iodice-primavera-verao-201516/>

Na peça selecionada acima a modelo usa um vestido da cor amarelo queimado feito com tecido de couro. A estampa apesar de ter referência na estampa da chita, a mesma é inserida na peça de forma que a torne sofisticada. Nesse caso as flores foram feitas também de forma vazada, distanciando ainda mais da estampa original, somente com um olhar bem detalhado que consegue-se perceber a referência na chita.

Ao analisar a coleção da Lódice inspirada no Nordeste brasileiro, é possível identificar que há uma inspiração na estampa da chita, diferentemente como foi observado no decorrer do trabalho, pois a marca não faz o uso direto do tecido. É importante salientar tal questão pois, a Lódice é uma marca brasileira

no qual é feita para um público mais seletivo, pois o preço médio por exemplo de um vestido varia entre R\$ 300,00 e R\$600,00, sendo assim não seria toda mulher que poderia adquirir uma peça da marca, e também a cliente que quiser usar roupas da marca buscará por um produto de qualidade e o tecido da chita não possui uma qualidade em relação aos tecidos utilizados. Por fim, como o tecido da chita muitas vezes é associado a roupa de pessoas da classe baixa, não faria muito sentido a marca confeccionar peças com esse tecido, pois a Lódice é uma marca direcionada a mulheres que buscam sofisticação e elegância.

3.3.2 Farm

Ainda analisando as marcas que usam a estampa da chita como inspiração, explanaremos um pouco sobre a Farm, uma marca carioca, que de acordo com alguns dados disponibilizados no site é descrita como :

“(...) a natureza, a temperatura, as cores...tudo aqui parece que já foi criado em forma de poesia e a Farm sempre quis transformar esse clima em moda, mas como? Na forma mais natural possível, contemporânea e autêntica possível...a carioca é o nosso ponto de partida e nosso ponto final porque é exatamente assim que a beleza deve ser: uma continuação feliz e vibrante das nossas meninas, uma tradução ao vivo, a cores e toda estampada de suas almas. Em um bom cariocês a Farm é menos salto alto e mais pé na areia. Menos maquiagem e mais bronzeado, menos chapinha e mais cabelo secando ao vento...”(FARM RIO, S/data, acesso:10/10/2018)

Como podemos perceber no trecho acima a marca demonstra ser voltada para um público feminino jovem que gosta de ter contato com a natureza, principalmente desfrutar de dias ensolarados na praia. A poesia, uma das linguagens da arte faz parte do cotidiano dessa moça carioca que vivência o que há de melhor no Rio Janeiro. Apesar da marca vender essa imagem, não é necessariamente esse o público que é atingido por ela, pois o mesmo é variado.

Segundo Silva Rogar diretora da revista Vogue, a marca nasceu no ano de 1997, sendo fundada por Katia Barros ao lado de seu amigo e administrador Marcello Bastos. A carioca Katia Barros que é formada em contabilidade pela UFRJ, foi criada de frente para o mar de Ipanema e trabalhava numa empresa

de renome, mas não se sentia confortável em um escritório com o ambiente sóbrio e cinza. Após uma visita a Babilônia Feira Hype, evento no qual reinterpretava a maneira carioca, o conceito do mercado europeu de moda, Kátia afirma ter ficado encantada com as pessoas descoladas que circulavam por lá. Em agosto do mesmo ano ela e seu sócio já estreiam em um dos estandes da feira.

No decorrer dos anos a Farm se expandiu no setor do varejo e em 1999 abriu as primeiras lojas da grife em prédios comerciais do Rio. A marca propaga a imagem de produzir uma moda tipicamente brasileira, os elementos ditos como brasileiros presentes em suas peças fazem parte de uma identidade cultural. Continuando a análise da marca é identificado que a mesma procura vender uma imagem de um estilo de vida mulher carioca, jovem e leve.

Quando analisamos o tecido da chita observamos que sua estampa possui elementos que são frequentemente associados ao Brasil através do olhar estrangeiro, como por exemplo a fauna, flora, as cores, etc. Pensando nisso observamos que a marca Farm tem lojas em aeroportos, um exemplo é o Aeroporto Internacional do Galeão-Tom Jobim, nessa loja pode-se encontrar roupas que possuem símbolos de brasilidade, como a estampa da chita, dessa forma faz com que estrangeiras que passam por esse ambiente acabem conhecendo e até mesmo comprando produtos da marca e levando para o exterior peças que trazem características que as identifiquem como brasileira. Outro fato importante é que a marca como se pode encontrar em seu site, nos leva a crer a ideia de confeccionar peças para a moça carioca de classe média a alta, que gosta do carnaval, sendo esse um dos símbolos encontrados na cultura brasileira. Fatos que comprovem isso é a coleção de carnaval¹² realizada pela marca, isso que é dito é uma imagem que a mesma contrói de si. O fato também da marca ser do Rio de Janeiro acaba atraindo ainda olhares de pessoas de variados lugares, pois essa cidade é conhecida mundialmente, e é um dos pontos turísticos mais conhecidos e importantes do Brasil.

¹²Coleção de Carnaval Farm:

<https://www.justlia.com.br/2018/01/fantasia-de-carnaval-da-farm-para-2018/>

Para refletirmos melhor sobre a questão de uma marca se inserir no mercado mundial é necessário que a mesma tenha um “equilíbrio” entre elementos considerados nacionais e aspectos referentes à cultura internacional-popular. Ou seja, a marca precisa desenvolver peças que tenham elementos da região dela, mas ao mesmo tempo ter elementos que são encontrados globalmente, é necessário que se faça uma mistura. Tal mistura é denominada como Glocalização. (MICHETTI, 2012)

Analisando algumas das peças da Farm e refletindo sobre a Glocalização, o termo citado acima podemos identificar tal situação em algumas das peças que a marca produziu no ano de 2015 em parceria com a Adidas. A Farm faz o uso de um elemento que remete ao Brasil, nesse caso a chita e recriam suas estampas em roupas com modelagens e símbolos da Adidas. Isso é importante para a internacionalização da marca, pois como sabemos a Adidas é conhecida de forma global e a chita é normalmente associada ao Brasil.

Abaixo segue alguns exemplos dessa parceria feita entre a Farm e a Adidas:



FIGURA 17. BLUSA E SAIA, FARM E ADIDAS

Data:12/05/2017.Acesso: 12/10.2018

Fonte: <https://adoro.farmrio.com.br/mundo-farm/adidas-originals-3/>



FIGURA 18. BOLSA, FARM E ADIDAS

Data:12/05/2017.Acesso: 12/10.2018

Fonte: <https://adoro.farmrio.com.br/mundo-farm/adidas-originals-3>



FIGURA 19. VESTIDO, FARM E ADIDAS

Data:12/05/2017.Acesso: 12/10.2018

Fonte: <https://adoro.farmrio.com.br/mundo-farm/adidas-originals-3/>

Como vem sendo dito na presente pesquisa, o objeto de estudo da mesma é a estampa da chita recriada na moda contemporânea, dessa forma foram feitas pesquisas imagéticas em sites variados no qual foram encontrados padrões visuais da estampa do tecido chita, chitão ou chitinha que têm algum tipo de relação com as estampas de peças diversificadas das marcas citadas nesse trabalho. Abaixo segue uma estampa da chita que seja possível entender a inspiração para o feitiço das peças da Farm em parceria com a Adidas:



FIGURA 20. ESTAMPA DE CHITA¹³ FLORES AZUIS COM FUNDO VERMELHO

Fonte:[https://www.sagroltecidos.com.br/produto/tecido-chita-estampa-flores-100-
Algodao-1112-](https://www.sagroltecidos.com.br/produto/tecido-chita-estampa-flores-100-Algodao-1112-) Acesso:01/11/2018

Adidas é uma marca Alemã mundialmente conhecida, seu comércio está relacionado ao vestuário e acessórios para esporte. No ano de 2014 a Farm realizou a sua primeira parceria com a Adidas Originals¹⁴, as peças possuíam estampas inspiradas em elementos tropicais como abacaxi e tucanos, essas foram disponibilizadas para venda não somente para o Brasil, mas para o mundo inteiro. É importante destacar que segundo LMATHIAS (2014) a Farm já vendia alguns produtos da Adidas, mas foi somente em 2014 que as marcas se uniram e fizeram uma coleção especial inspiradas nas estampas do Brasil. Nessa mesma reportagem é citado que a Farm foi a primeira marca brasileira a assinar uma linha global com a Adidas que na época vendeu as peças da coleção em

¹³ Tecido de chita pertencente a empresa Sagrol tecidos, tal estampa serviu de comparação com a estampa da peça da Farm Rio. Disponível em:<https://www.sagroltecidos.com.br/produto/tecido-chita-estampa-flores-100-algodao-1112-> Acesso:01/11/2018

¹⁴ Reportagens de algumas edições das parcerias entre Farm Rio e a Adidas Originals-Acesso:3/11/2018. Fontes: <https://www.lilianpacce.com.br/moda/adidas-e-farm/>
<https://www.lilianpacce.com.br/moda/farm-para-adidas-segundo-round/>
<https://emails.estadao.com.br/noticias/moda-e-beleza,adidas-e-farm-lancam-a-primeira-parceria-de-2017,70001665201>
<https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/moda/parceria-entre-farm-e-adidas-chega-as-lojas-na-quarta-feira-com-homenagem-ao-flamengo>

130 países. Ao total já são oito¹⁵ coleções feitas entre as marcas, as mesmas a cada estação vem realizando peças com temáticas variadas

Ao observar algumas das peças percebe-se que as roupas possuem características do vestuário esportivo como o tecido com elasticidade e a modelagem. As características que podem nos ajudar a identificar nas roupas a presença tanto da Farm Rio como da Adidas Originals seriam, para a primeira a estampa da chita que é um elemento muito revisitado na marca e na segunda o slogan e as listas laterais, detalhes registrados da marca. Como o objetivo desse capítulo é identificar marcas que se inspirem na chita para produzir moda brasileira, podemos então perceber que até mesmo em uma linha mais voltada para o esporte a chita consegue ganhar espaço e o fato dela estar presente em uma marca renomada e globalmente conhecida como a Adidas, faz com que a mesma fique mais conhecida e que seu público consumidor se expande.

Ainda analisando a Farm é possível observar que a cada coleção lançada para diferentes estações a marca muda a temática, varia as cores desde tons escuros para mais claros, desenvolve outras estampas e muda suas modelagens, porém é importante destacar que a marca sempre revisita a estampa da chita de alguma forma. A respeito disso Diana Crane (2006) explica que, em algumas entrevistas conduzidas por ela mesma alguns estilistas americanos dizem que suas coleções evoluem de ano para o outro sem mudanças radicais. Oriundas de temas das coleções anteriores, os elementos básicos de uma coleção permanecem os mesmos. Um desses estilistas afirmou que o look dele nunca muda totalmente; a coleção sempre se desdobra na próxima, é preciso seguir a imagem, mas sem deixá-la mudar. Ou seja, a Farm também não muda totalmente a cada coleção, sempre encontramos alguns vestígios da estampa da chita, que serviu e serve de inspiração para a marca.

¹⁵ Reportagem do site da revista Glamour sobre as oito coleções da Farm feita em parceria com a Adidas Originals.

Fonte: <https://revistaglamour.globo.com/Moda/Fashion-news/noticia/2018/02/farm-e-adidas-fazem-sua-8-parceria-e-nos-ja-queremos-uma-peca-de-cada.html> Acesso: 03/11/2018

Com o objetivo de exemplificar a revisitação da marca em roupas anteriores para produzirem novas coleções segue abaixo uma imagem de peça da Farm que pode ser também uma inspiração na chita devido o seu padrão visual, mas como essa peça faz parte de uma coleção mais antiga não foi encontrado um release que comprovasse tal suposição. Essa peça não é da parceria da Farm e Adidas. Não temos a data certa de qual coleção exatamente é essa roupa, pois as mesmas estão na página de promoção da marca:



FIGURA 21. JOHN DE MENINA, FARM. S/DATA.

Fonte: <https://www.farmrio.com.br/john-de-menina-azul-244334-0158/p-> Acesso:3/11/2018

Refletindo sobre buscar dentro de sua própria marca elementos que servem de inspirações para criar uma nova coleção percebemos que a Farm faz uso dessa estratégia em seus trabalhos, como exemplo, podemos encontrar na minicollection lançada pela Farm Rio para inverno 2018 denominada “Menina do

Rio”. Segundo o Jornal A Gazeta do Acre essa coleção é inspirada na menina brejeira e traz a paixão pela chita. É uma mistura da menina do Rio de Janeiro com a menina dos rios Amazônicos que se encontram alegres e dançantes nas festas do Carimbó¹⁶.



FIGURA 22. MINI COLEÇÃO MENINA DO RIO, FARM.

Data:03/2018.Acesso:12/10/2018

Fonte:<https://www.farmrio.com.br/moda-feminina?allcats=true&O=OrderByScoreDESC&pg=2>

Assim como na coleção citada anteriormente encontramos a presença da estampa da chita na imagem acima no conjunto de saia e top cropped. A cor do conjunto é o vermelho vibrante. Como se pode identificar as peças são confeccionadas em um tecido de boa qualidade e com um bom caimento, evidenciando a maleabilidade da saia. Na fotografia a modelo está usando essas peças juntamente com um acessório de flores que nos remete ao vestuário

¹⁶ Jornal A Gazeta do Acre.Acesso:10/10/2018

Disponível:[https://agazetadoacre.com/farm-lanca-colecao-que-olha-para-dentro-e-para-o-norte/-](https://agazetadoacre.com/farm-lanca-colecao-que-olha-para-dentro-e-para-o-norte/)

típico usado nas festas da região do norte .Como as roupas são confeccionadas com um tecido mais sofisticado diferente do tecido da chita original, dessa forma se a modelo estivesse usando as peças em outro lugar e até mesmo sem o acessório no cabelo, e a mesma estivesse no por exemplo Rio de Janeiro, as mesmas talvez não seriam vistas como peças típicas da região norte do país.

A segunda peça analisada é vestido com um mix de estampas, no qual podemos observar a presença da inspiração na estampa da chita juntamente com uma estampa de estrela. O decote é ombro a ombro, com uma modelagem reta.O tipo de modelagem torna a peça casual e jovial .A cor é laranja, mas sem o tom vibrante muitas vezes encontrado no tecido da chita.O tecido base do vestido é de algodão.



FIGURA 23. MINI COLEÇÃO MENINA DO RIO, FARM

.Data:03/2018.Acesso:12/10/2018

Fonte:<https://www.farmrio.com.br/moda-feminina?allcats=true&O=OrderByScoreDESC&pg=2>

A imagem abaixo é um fragmento de um tecido de chitão, nesse é possível identificar alguns elementos que ajudam a presupor que a estampa do vestido acima tenha algum tipo de relação com o mesmo. O tamanho e o tipo de flor, no caso a rosa nos faz pensar na possibilidade do tecido como inspiração.



FIGURA 24. TECIDO CHITÃO ESTAMPADO FLORAL ROSA COM FUNDO AMARELO

Acesso: 2/11/2018

Fonte: <https://www.avimortecidos.com.br/tecido-chita-e-chitao/tecido-chitao-estampado-floral-rosa-e-amarelo-100-algodao-2504v2--p>

A terceira coleção da marca estudada neste TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) é a minicollection “Borda menina” lançada em setembro de 2018. Apesar da coleção ter o título que faz referência ao bordado, as peças analisadas possuem nas estampas alguns pontos que nos remetem ao bordado, mas não tem o bordado propriamente. De forma também evidente a marca traz novamente a chita, ao observar o nome de algumas peças podemos confirmar essa referência, porém há peça que o nome não menciona a chita, mas porém a estampa nos lembra a do tecido. Observando de forma geral o fundo dessas estampas são tons variados entre o azul escuro, o bege e o branco, diferentemente das outras coleções que possuem tons vibrantes. Outro fator importante de se ressaltar é a presença tanto do chitão (flores grandes), quanto da chitinha (flores menores). Nessa coleção há em determinadas peças a presença só da estampa da chita, mas há peças também com mix de estampas.



FIGURA 25. MINI COLEÇÃO: BORDA MENINA

Data: 09/2018. Acesso: 13/10/2018

Fonte: <https://www.farmrio.com.br/moda-feminina/vestido/borda-menina>



FIGURA 26. MINI COLEÇÃO: BORDA MENINA; SAIA DE CHITA BORDADA, FARM.

.Data: 09/2018.Acesso:13/10/2018

Fonte: <https://www.farmrio.com.br/moda-feminina/vestido/borda-menina>

A imagem a seguir foi inserida no trabalho para servir de comparação com a estampa do vestido acima, nos mesmos é encontrado também a relações no tipo de flores:



FIGURA 27.TECIDO DE CHITA ESTAMPA DE FLORES -ACESSO:2/11/18

Fonte: <https://www.sagrotecidos.com.br/produto/chita-chitao-estampado-102>



FIGURA 28. MINI COLEÇÃO: BORDA MENINA. VESTIDO LONGO AZIRA

.Data: 09/2018.Acesso:13/10/2018

Fonte: <https://www.farmrio.com.br/moda-feminina/vestido/borda-menina>

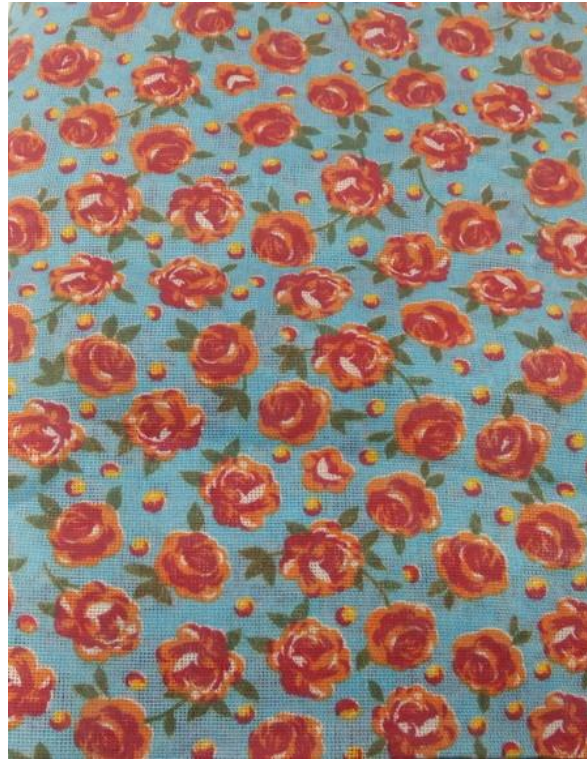


FIGURA 29. TECIDO CHITA FLOR LARANJA¹⁷

Fonte: <https://www.elo7.com.br/tecido-chita-flor-laranja/dp/D54908>-Acesso: 01/112018

3.3.3 Lenny Niemayer

Ainda falando de moda brasileira que faz uso da estampa da chita como inspiração, falaremos agora da marca carioca de Lenny Niemayer. Com o objetivo de conhecermos um pouco sobre o trabalho da estilista será feito um apanhado geral sobre a marca que nos ajudará a compreender melhor a coleção primavera/verão-2018/2019, analisada no presente trabalho.

De acordo com alguns dados coletados no próprio site da marca, Lenny Niemeyer começou a sua carreira de estilista no ano de 1979 através da produção de biquínis para algumas grifes como a Fiorucci, Bee, Richards e Andrea Salletto. Sua marca foi criada somente no ano de 1991, em Ipanema no

¹⁷ Tecido de chita usado de forma comparativa com a estampa do vestido analisado.

Disponível em: <https://www.elo7.com.br/tecido-chita-flor-laranja/dp/D54908> Acesso: 2/112018

Rio de Janeiro. A estilista produz além de biquínis e maiôs, a moda pós-praia como roupas e acessórios como: bolsas e sapatos.

A marca possui 19 lojas em variadas regiões do país, como no sudeste: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Vitória, na região nordeste pode-se encontrar loja na Bahia, na cidade de Trancoso, por último na região centro-oeste possui loja somente na capital federal, Brasília, a grife tem também mais de 200 lojas espalhadas pelo Brasil. Além de ter um grande número de lojas no Brasil, a marca exporta para alguns países, dentre eles Estados Unidos, Inglaterra, França, Espanha, Itália, Canadá, Portugal e Dubai, as peças podem ser encontradas em lojas de departamentos.¹⁸

A grife se apresenta há mais de 25 anos nas Semanas de Moda no Rio de Janeiro e São Paulo. Lenny Niemeyer também já assinou o Projeto dos Uniformes da Comissão Olímpica Brasileira nas cerimônias de abertura e encerramento dos jogos, no Rio de Janeiro.

A partir de uma busca na internet com algumas palavras chaves, como por exemplo: “SPFW, moda brasileira contemporânea que faz o uso da chita como inspiração”, o google sugeriu algumas imagens da coleção da estilista Lenny Niemeyer. Após a leitura de alguns reais sobre a coleção primavera/verão-2018/2019, não foram encontrados argumentos que confirmem a possibilidade de tal inspiração, porém analisando algumas peças percebe-se que há uma proximidade visual com a da estampa do tecido da chita.

Na coleção primavera/verão-2018/2019 desfilada no SPFW, de acordo com o site da jornalista Lilia Pacce, o tema trazido é a fauna e a flora brasileiras, mas as roupas vão além, pois podemos observar camisões largos feitos de linho com amarrações, estampas tribais e representações da natureza, drapeados e franjas que dão movimentos as peças e bordados.¹⁹

No entanto, segue abaixo algumas peças selecionadas do desfile já citado, para serem analisadas:

¹⁸ Dados encontrados no site da marca: <https://www.lennyniemeyer.com.br/institucional/amarca>
Acesso: 18/10/2018.

¹⁹ Dados coletados do site: <https://www.lilianpacce.com.br/desfile/chiquerias-tropicais-de-lenny-niemeyer/> - Acesso: 18/10/2018.



FIGURA 30. VESTIDO AMARELO FLORAL, LENNY NIEMEYER

Primavera/verão-2018/2019

Fonte: <https://www.lilianpacce.com.br/desfile/chiquerias-tropicais-de-lenny-niemeyer/>

Acesso: 18/10/2018

Analisando o vestido acima, é evidenciado a estampa de flores grandes, que se compararmos a estampa do tecido da chita percebemos que a referência na estampa do chitão, que são as flores maiores. A estampa das flores são colocadas no centro do vestido, somente num canto da roupa que encontramos outro tipo de estampa, no caso uma referência tribal. As cores do vestido são o amarelo no centro do vestido, juntamente com a estampa de flores vermelhas com um tom forte e as folhas com um tom de verde claro com as bordas com o tom de preto, o canto do vestido possui um detalhe de uma estampa com tom de preto com amarelo.



FIGURA 31. MAIÔ FLORAL, LENNY NIEMEYER

Primavera/verão-2018/2019

Fonte: <https://www.lilianpacce.com.br/desfile/chiquerias-tropicais-de-lenny-niemeyer/>

Acesso: 18/10/2018



FIGURA 32. TECIDO DE CHITA FUNDO AMARELO, FLORES ROSAS²⁰

Fonte:<http://casadoestofador.com.br/produtos/tecido-chita-> Acesso: 1/11/2018

A próxima imagem analisada será a do maiô acima que tem características próximas ao do vestido no que diz respeito ao tipo de estampa e até mesmo a modelagem da parte de cima do vestido e do maiô que são bem parecidas, o que difere um pouco é a manga comprida que a roupa de banho possui, e claro a diferença de um tecido para o outro, pois ambas as peças tem funções diferentes.

²⁰ Imagem do tecido da chita colocado com o objetivo de comparar com as estampas das peças analisadas da marca Lenny Niemayer.



FIGURA 33. MAIÔ FLORAL, LENNY NIEMEYER.

Primavera-verão-2018/2019

Fonte: <https://www.lennyniemeyer.com.br/maio-basico-tropical-807ev19/p>

Acesso:18/10/2018.

O maiô acima não foi desfilado na SPFW, mas foi encontrado no site da marca como produto para venda, ainda falando a respeito da estampa essa peça possui o mesmo tipo das duas peças citadas anteriormente, a diferença é que nesse maiô possui só um tipo de estampa que é a floral, em relação a modelagem esse é bem mais simples.

Entretanto, pensando nos criadores já pesquisados nesse capítulo, podemos caracterizá-los como pós-modernos, segundo a autora Crane (2006), esse termo se dá aos estilistas que se inspiram em estilos anteriores para criar um trabalho novo. Dessa forma, quando a chita tecido estampado já existente no país é inserida na moda através desses estilistas contemporâneos e

reconhecidos pelo mercado a mesma é recriada, em algumas situações não conseguimos identificá-la sem uma prévia análise, como é o caso desse trabalho de Lenny Niemayer. A estilista radicaliza isso mais ainda em seu trabalho, pensando na possibilidade da chita como inspiração, a mesma é usada de forma requintada. Esse requinte é uma característica marcante no trabalho da estilista, tendo em vista que até mesmo livro e programa da GNT sob o mesmo título: “A arte de receber”, cuja o seu tema é voltado para a “arte” de receber as pessoas em eventos, como churrascos, festas, etc.

3.3.4 Saia de chita

A próxima coleção estudada será da marca Saia de Chita, que possui clara evidência na inspiração da estampa de chita para realizar suas peças . A fábrica da marca se localiza no estado do Espírito Santo na cidade de Linhares. A designer Marcielly Gusmão que faz o estilo da marca , filha da estilista Suely Gusmão e neta de Jota Alfaiate, como é mais conhecido. No site da marca não se encontram informações detalhadas, como por exemplo ano da criação da marca, se a mesma comercializa somente no Espírito Santo ou não , dessa forma não temos muitas informações da marca em si. A respeito das coleções a marca diz que a primavera permanece o ano todo , as flores diversificadas são as inspirações para as suas coleções.²¹

As peças selecionadas para a pesquisa foram da coleção primavera/verão 2019, que desfilou em um evento denominado Vitória Moda-Ano 11²², um importante divulgador de moda da região do Espírito Santo, o mesmo ocorre na capital do estado, Vitória. O evento esse ano aconteceu entre os dias : 30 de julho a 04 de agosto , o locais foram divididos entre o prédio da Findes e o centro de convenções de Vitória , no Bairro Santa Lúcia, em Vitória.

Abaixo segue a imagem de uma chita para servir de comparação com as peças conseguintes analisadas:

²¹ Site da marca: www.saiadechita.com.br/marca/
Acesso:18/10/2018

²² Site sobre o evento Vitória Moda: <http://vitoriamoda.com/o-evento/>



FIGURA 34. CHITA AMARELA FLORES COLORIDAS

Fonte: https://www.bazarsetti.com.br/index.php?_route=_tecidos/chita/chita-amarela-flores-coloridas- Acesso: 1/11/2018



FIGURA 35. TOP E CALÇA FLORAL E COLETE, SAIA DE CHITA



FIGURA 36. VESTIDO E BOLSA FLORAL, SAIA DE CHITA

Fonte: <http://modaeventos.com.br/vitoria-moda-desfile-colecao-verao-29/>

Acesso: 19/10/2018

Nas imagens acima como se vê temos a presença de duas modelos com peças diferentes, mas ambas com peças com a forte presença de estampa. A primeira modelo veste um top e uma calça pantalonada com a mesma estampa floral, essa deixa muito evidente numa possível inspiração da estampa do chitão, pois as flores são bem grandes. Para compor essas duas peças é colocado um colete que aparenta ter estampa de flores.

A segunda modelo está trajando um vestido longo, com modelagem plana e a estampa também floral, o tipo de flores parecem ser o mesmo tipo da estampa das peças usadas pela primeira modelo, a cor do fundo das peças é que se diferem, sendo o top e a calça azul e já do vestido um tom de laranja

claro. Juntamente com esse vestido a modelo usa uma bolsa com uma estampa que nos remetem ao chitão também.

Nas duas imagens abaixo identificamos que a primeira modelo veste um vestido longo , ombro a ombro, da cor verde escuro e com uma estampa floral que também tem traços que nos façam perceber uma possível referência da estampa do chitão. Apesar das flores serem bem grandes, elas estão sobrepostas em algumas partes do vestido, isso acaba dando uma sofisticação a roupa, mas não se pode também deixar de mencionar o tecido valoriza mais ainda a peça. As cores das flores nas peças são suavizadas em relação a flores da estampa original da chita. Dessa forma, se o tecido não fosse de uma boa qualidade, talvez não seria percebido a presença de inspiração na estampa e não o tecido chitão propriamente dito. O acessório usado pela modelo é uma bolsa amarela com franjas e a estampa com flores médias, que pode-se nomeá-las como chita. Olhando rapidamente para bolsa , não se vê o mesmo tipo de sofisticação que foi dado ao vestido , talvez seria pelo tipo de modelagem que nos faz remeter a um tipo de bolsa mais popular.

A segunda modelo veste um top com uma saia midi , sobreposto e como acessório algumas pulseiras estampadas e uma pochete. O top e a saia possuem o mesmo tipo de estampa de flores com flores grandes na cor vermelha e flores médias na cor branca, o fundo da estampa é verde. Já a bolsa é amarela, mas com tom vibrante, as flores são rosas. O colete é branco e sem estampa.



FIGURA 37. VESTIDO VERDE FLORAL E BOLSA , SAIA DE CHITA



FIGURA 38. SAIA E TOP FLORAL E COLETE, SAIA DE CHITA

Fonte:<http://modaeventos.com.br/vitoria-moda-desfile-colecao-verao-29/>Acesso:

19/10/2018

A imagem seguir de amostra do tecido da chita serve como comparação com as estampas das peças citadas acima:



FIGURA 38. ESTAMPA DE CHITA

Fonte: <https://www.sagroltecidos.com.br/produtos/chita-chitao-Acesso:02/11/2018>

No começo da análise foi explanado a ausência de informações mais detalhadas sobre a marca, mas mesmo assim é identificado uma possível inspiração na estampa da chita. O nome da marca como já foi mencionado é “Saia de Chita”, o mesmo faz relação com o tecido da chita, isso nos ajuda mais ainda afirmar a possibilidade de haver uma inspiração na estampa desse tecido tão conhecido no país.

Entretanto, no decorrer desse capítulo foi necessário fazer uma pesquisa minuciosa entre desfiles do SPFW, sites de marcas, lojas online e estilistas que fazem o uso da chita como inspiração para desenvolverem seus trabalhos. Foi percebido que mesmo essas tendo a chita como referência para suas criações, as marcas buscam desenvolver peças que se relacionem com a sua identidade e também com o seu público alvo. É importante destacar que a pesquisa foi feita em coleções contemporâneas, que tem como datação a partir do ano de 2015, dessa forma é interessante perceber que o tecido que é tão antigo no país e que em determinados momentos da nossa história ele não foi muito valorizado, entra para a moda e nos faz perceber que mesmo que

tentamos mudar alguns estereótipos dados ao país, quando queremos falar de brasilidade, um dos itens escolhidos é a estampa da chita.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dessa pesquisa foi percebido que o tecido original da chita, o morim, 100% algodão é pouco utilizado na moda brasileira, talvez pelo fato do tecido não passar por todo o processo de beneficiamento durante a sua produção, o que o torna barato por possuir uma baixa qualidade. Conquanto, como foi visto no decorrer dessa pesquisa, a estampa do tecido da chita é usada como inspiração para a moda brasileira contemporânea.

Algumas das marcas estudadas usam de artifícios, como uma modelagem diferente, variados tecidos, cores que quando combinadas trazem uma sofisticação. No entanto, por mais que seja inspiração do tecido da chita ou o próprio tecido acabam afastando suas coleções dos estereótipos dados. É possível mensurar o seu valor por metro em torno de R\$5,00 reais, associando ainda mais as classes baixas, mesmo assim, as marcas o recriam e confeccionam peças que somente as classes média a alta poderiam consumir. A chita ganha então, uma resignificação proveniente do renome da marca ou do estilista.

É importante refletir que o uso da chita pode ser uma estratégia para as marcas reafirmarem sua brasilidade com possíveis vistas à exportação, mesmo que não lucrativa agregaria valor às marcas.

Nessa pesquisa é visto que marcas brasileiras renomadas e supracitadas no trabalho fazem sim o uso da chita como inspiração para produzir “moda brasileira”. Nesse sentido, quando o próprio tecido ou a sua inspiração são colocadas na passarela, lugar no qual é legitimado a chita acaba sendo mais aceita e até mesmo mais valorizada, podendo até ser vista de outra forma pelo público, tanto é que mesmo algumas marcas tendo preço elevado, existem pessoas das classes média e alta que consomem esses produtos.

No entanto, mesmo o tecido da chita já ter sido estudado de formas diversificadas no país é interessante pensar como a mesma é inserida na moda da contemporaneidade, após ter confrontado o modo como o tecido é compreendido de formas variadas quando colocado em determinados lugares é nítido a necessidade de pesquisas relacionadas à temática, deste modo a

pesquisa poderá contribuir para a moda nacional como fonte de estudos no âmbito acadêmico.

REFERÊNCIAS

A GAZETA DO ACRE. **Farm lança coleção que olha pra dentro e para o norte.** Disponível em: <<https://agazetadoacre.com/farm-lanca-colecao-que-olha-para-dentro-e-para-o-norte/>> Acesso: 12 de set.2018.

ANDRADE, Priscila. **A marca do Anjo: a trajetória de Zuzu Angel e o desenvolvimento da identidade visual de sua grife.** Iara- Revista de Moda, Cultura. São Paulo. V2.Nº2.Out/Dez-2009.Dossiê 4. Disponível em:http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/05_IARA_vol2_n2_Dossie.pdf –Acesso: 25 de setembro de 2018.

BONADIO, Maria Claudia. **O exótico e a moda brasileira.** Universidade Federal de Juiz de Fora. Brasil. 2014.

BONADIO, Maria Claudia e GUIMARÃES, Maria Eduarda Araújo. **Alceu Penna e a construção de um estilo brasileiro: modas e figurinos.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n.33, p.145-175, jan./jun. 2010.

BRAGA, João e PRADO, Luís André. **História da Moda no Brasil: das influências às autorreferências.** Pyxis Editorial. São Paulo, 2011. CEDRO TÊXTIL. Disponível em:

<http://www.cedro.com.br/Institucional/Institucional-> Acesso: 10 de out. 2018.

CRANE, Diana. **A Moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas.** Trad. Cristiana Coimbra. São Paulo: Senac, 2006.

EONLINE. Farm e Adidas lançam coleção em parceria. 09 jan. 2015. Disponível em: <<https://www.eonline.com/br/news/497371/farm-e-adidas-lancam-colecao-em-parceria>> Acesso: 2 de nov. 2018.

ENTENDA DE MODA. Disponível em: <<http://www.entendademoda.com.br/> -> Acesso: 14 de nov. 2018.

ESTUDIO INFINITO. **Sobre que chita bacana.** Disponível em: <http://www.estudioinfinito.com.br/site/?page_id=836> Acesso: 15 de nov. 2018.

ESQUEZANI, Rose. A França nos trópicos. **As “coquetes” de Copacabana.** Org. Luciano Figueiredo- Rio de Janeiro: Sabin, 2009.

FARM. Disponível: <<https://www.farmrio.com.br/> > Acesso: 12/10/2018.

FARM. Disponível em: <https://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2015/11/borogodo-carioca-o-fenomeno-da-farm.html>- Acesso: 28 de agost. 2018.

FFW UOL. Desfile Iódice. Disponível em: <https://ffw.uol.com.br/desfiles/sao-paulo/verao-2016-rtw/iodice/1496760/>- Acesso: 25 de agost. de 2018.

FOLHA UOL. Disponível:

<<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/04/joao-pimenta-embalagem-identidade-rural-em-verniz-de-luxo.shtml>> Acesso: 15 de nov.2018.

FEREIRA, Holanda de Buarque Aurélio. **Mini Aurélio, século XXI Escolar, o minidicionário da língua portuguesa.** 4 Edição Revista Ampliada do Minidicionário Aurélio.Edição Especial para FNDE/PNLD, 2001. Editora Nova Fronteira. GRUPO CORPO. Disponível em: <<http://www.grupocorpo.com.br/obras/21->>Acesso: 23 de out. 2018.

IÓDICE. Disponível em: <<https://www.iodice.com.br/?gclid=CjwKCAiAlvnfBRA1EiwAVOEgfOFw97JfUNAHqXUZ8CTBq47E5j-> Acesso: 12 de set. 2018.

MELLÃO, Renata e IMBROISI, Renato. **Que chita bacana.**São Paulo: ACasa, 2005.

MICHETTI, Miqueli. **Moda brasileira e mundialização: mercado mundial e trocas simbólicas.**Campinas, 2012. Disponível em: http://www.repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280865/1/Michetti_Miqueli_D.pdf- Acesso: 10 de out. de 2018.

NEIRA, Garcia Luz. **A invenção da moda brasileira.** Caligrama. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/caligrama/article/view/68123/7068>- Acesso: 18 de outubro de 2018.

NEIRA, Garcia Luz. **Estampas na tecelagem brasileira: Da origem a originalidade.** São Paulo, 2012. Disponível em:

<file:///C:/Users/Win7/Downloads/tese_luz_original%20(1).pdf-> Acesso: 18 de agot. 2018.

NIEMEYER, Lenny. Disponível em:
<<https://www.lilianpacce.com.br/desfile/chiquerias-tropicais-de-lenny-niemeyer/>
<https://www.lennyniemeyer.com.br/>>- Acesso: 15 de set. 2018.

PACCE, Lilian. **Iódice, primavera- verão 2015/2016**. Disponível em:
<<https://www.lilianpacce.com.br/moda/adidas-e-farm/>> Acesso: 11 de nov. 2018.

PACCE, Lilian. **Marcas de Moda vendem fantasias de carnaval**. Disponível em: <<https://www.lilianpacce.com.br/moda/fantasias-pro-carnaval-nas-marcas-de-moda/>> Acesso: 16 de nov. 2018.

PACCE, Lilian. **Chiquerias tropicais de Lenny Niemeyer**. Disponível em:
<<https://www.lilianpacce.com.br/desfile/chiquerias-tropicais-de-lenny-niemeyer/>>- Acesso: 15 de nov. 2018.

PIMENTA, João. Disponível em: <<http://joapimenta.site/>> Acesso: 20 de out. 2018.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos: História, Tramas, Tipos e Usos**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

QUEIROZ, Mônica e ROCHA, Maria Diaz. **O significado da cor do tecido popular: a chita como estudo de caso.** Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202010/68848_O_significado_da_cor_na_estampa_do_tecido_popular_-_a_.pdf> Acesso: 20 de nov. 2018.

MALHARIA INDAIAL. Disponível em: <<https://www.malhariaindaial.com/estetica-genderless-descubra-como-ela-pode-influenciar-modelagem/>> Acesso: 19 de out. de 2018.

MUSEU A CASA BRASILEIRA. A Chita na Moda. Disponível em: <<http://www.acasa.org.br/consulta/A%20Chita%20na%20Moda->> Acesso: 18 de nov. 2018.

MUSEU A CASA. Que Chita Bacana. Disponível em: <<http://www.acasa.org.br/expo/chitabacana/>> Acesso: 18 de nov. 2018

REVISTA GLAMOUR. Farm e Adidas. Disponível em: <<https://revistaglamour.globo.com/Moda/Fashion-news/noticia/2017/05/adidas-originals-lanca-nova-colecao-em-colaboracao-com-farm.html>> Acesso: 16 set. 2018.

SAIA DE CHITA. Disponível em: <<http://www.saiadechita.com.br/>> Acesso: 12 de set. 2018.

SARAGANA. Disponível em: <http://revistasagarana.com.br/especial-grupo-corpo/> Acesso: 1 de nov. 2018

SOU DE ALGODÃO. Disponível em: <<http://soudealgodao.com.br/joao-pimenta-faz-sua-primeira-colecao-100-algodao/>> Acesso: 25 de out. 2018.

VOGUE. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2015/11/borogodo-carioca-o-fenomeno-da-farm.html>> Acesso: 21 de set. 2018.

WOMENS HEALTH. Disponível: <<http://womenshealthbrasil.com.br/farm-presta-homenagem-aos-indios-na-sua-colecao-de-inverno-2018/>> Acesso: 10 de out.2018